



POE TIZAR

Produções poéticas do
Unifeso

Vol. 1 - 2023

Organizadores

Luiz Felipe Brandão Augusto

Mariana Beatriz Arcuri

Verônica Santos Albuquerque

Copyright© 2023
Direitos adquiridos para esta edição pela Editora UNIFESO

EDITORA UNIFESO

Comitê Executivo
Roberta Montelo Amaral (Presidente)
Anderson Marques Duarte (Coordenador Editorial)
Valter Luiz da Conceição Gonçalves

Conselho Editorial e Deliberativo

Anderson Marques Duarte
Roberta Montelo Amaral
Mariana Beatriz Arcuri
Verônica dos Santos Albuquerque
Vivian Telles Paim

Revisor

Anderson Marques Duarte

Formatação

Anderson Marques Duarte

Capa

Gerência de Comunicação Unifeso

C389 Centro Universitário Serra dos Órgãos.
Poetizar: produções poéticas do Unifeso : vol.1/
Centro Universitário Serra dos Órgãos .-- Teresópolis: Editora
UNIFESO, 2023.
[118]f.

ISBN 978-65-87357-60-7

EDITORA UNIFESO

Avenida Alberto Torres, nº 111
Alto - Teresópolis - RJ - CEP: 25.964-004
Telefone: (21)2641-7184
E-mail: editora@unifeso.edu.br
Endereço Eletrônico: <http://www.unifeso.edu.br/editora/index.php>

1. Literatura brasileira. 2. Poesia. 3. Unifeso. I. Título.

CDD B869.1

CONSELHO DIRETOR

Antônio Luiz da Silva Laginestra
Presidente

Jorge Farah
Vice-Presidente

Luiz Fernando da Silva
Secretário

José Luiz da Rosa Ponte
Kival Simão Arbex
Paulo Cezar Wiertz Cordeiro
Wilson José Fernando Vianna Pedrosa
Vogais

Luis Eduardo Possidente Tostes
Diretor Geral

CENTRO UNIVERSITÁRIO SERRA DOS ÓRGÃOS – Unifeso

Antônio Luiz da Silva Laginestra
Chanceler

Verônica Santos Albuquerque
Reitora

Roberta Montelo Amaral
Diretora de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão

Marcelo Siqueira Maia Vinagre Mocarzel
Diretoria de Educação a Distância

Mariana Beatriz Arcuri
Direção Acadêmica das Ciências da Saúde

Vivian Telles Paim
Direção Acadêmica de Ciências Humanas e Tecnológicas

Michele Mendes Hiath Silva
Diretoria de Planejamento

Solange Soares Diaz Horta
Diretoria Administrativa

Rosane Rodrigues Costa
Diretoria Geral do Hospital das Clínicas de Teresópolis Costantino Ottaviano

Roberta Franco de Moura Monteiro
Diretoria do Centro Educacional Serra dos Órgãos

Vemos aqui uma reunião de escritores que se destacam pela Pluralidade - como em Paulo Leminski, Ana Cristina Cesar, Drummond e tantos outros nomes da nossa literatura.

Poemas que emocionam e nos tocam de forma intensa,
Poemas que nos transportam de volta à infância,
Mas que também nos advertem sobre um futuro incerto,
Poemas sobre paixões e as decepções do amor,
Poemas sobre experiências em um novo país, uma nova moradia,
Poemas sobre dilemas, reflexões e questionamentos existenciais,
Poemas sobre a efemeridade e impermanência da Vida,
Poemas que representam a luta da população negra por seu lugar de fala

Sobretudo temos o que é chamado de coesão: palavras que dialogam sob intertextualidade, que se cruzam, que se comunicam e se unem, ainda que essencialmente diferentes. Palavras que tecem redes. Redes que formam textos poéticos. Poesias que formam um corpo denso, estruturado e universalizante chamado Unifeso.

Luiz Brandão

Filósofo, artista visual e professor do Unifeso

Allan Felipe Santos de Freitas

Docente do curso de Psicologia

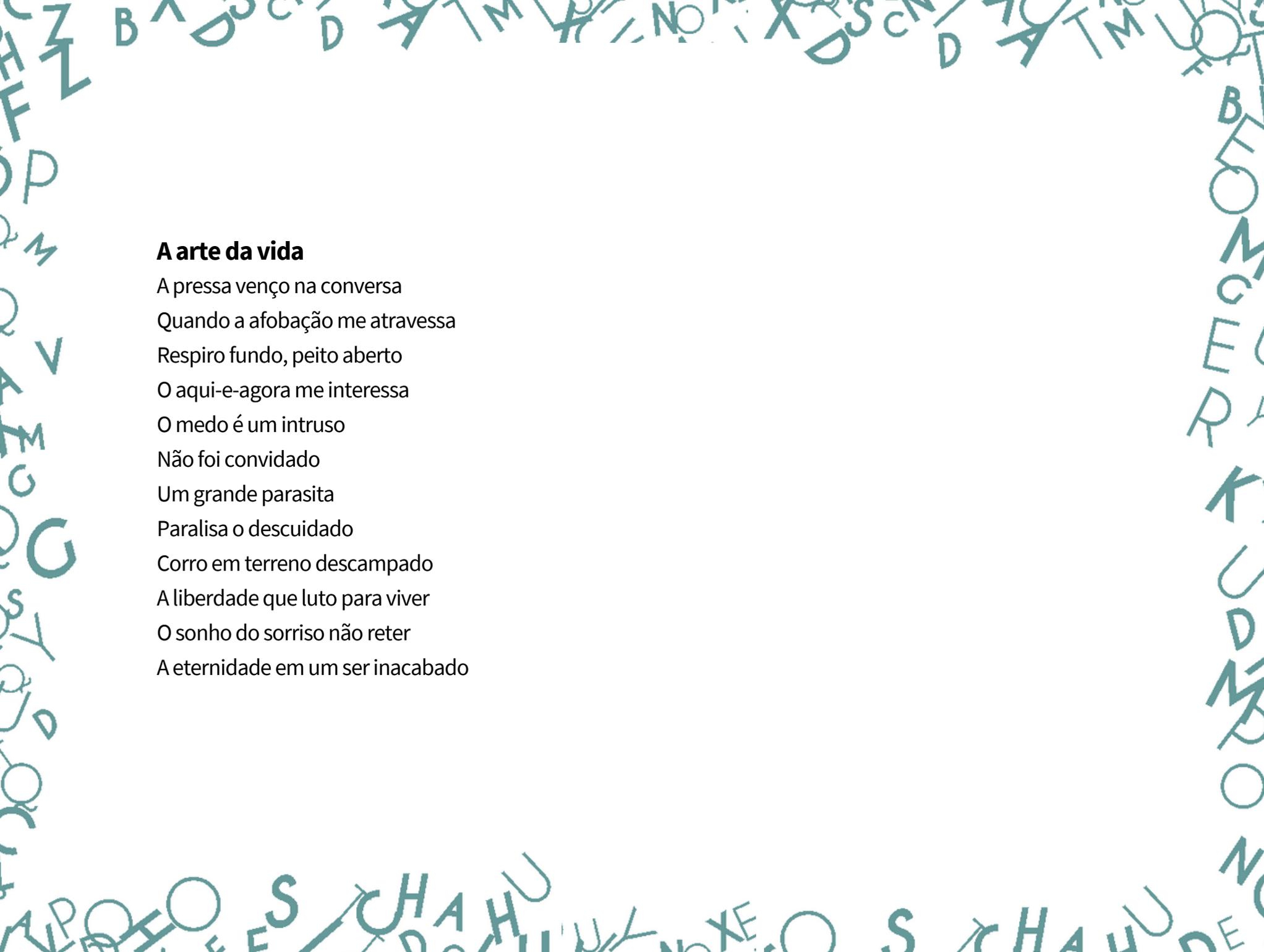
Cria do subúrbio carioca, torcedor do Fluminense, psicólogo clínico, professor universitário, mestre e doutorando em psicologia social (UERJ).

Poemas: Outro dia; A arte da vida

Outro dia é um poema que retoma as lembranças da infância de forma lúdica e divertida. A arte da vida trata dos dilemas existenciais que precisamos encarar em um mundo de pressa, ansiedade e aceleração. Aborda o medo e a possibilidade de viver o aqui-e-agora como alternativa aos imperativos sociais.

Outro dia

Outro dia via o sol se pôr empinando pipa,
juntava moedas para comprar figurinha,
celebrava a vitória em uma corrida de chapinha
e madrugava para assistir um GP de fórmula 1.
Outro dia esforçava-me numa disputa de queda de braço
ou mesmo naquela brincadeira de prender o polegar.
Bom mesmo era poder desfrutar de um abraço
Todo animado depois de marcar na pelada aquele golaço.
Futebol de botão, bafo de figurinha, pregobol, porradobol.
Pega-pega, esconde-esconde, adedanha de papel, chocolate inglês.
Outro dia para ser feliz bastava uma bola e 2 pares de chinelo de dedo.
Festa era uma garrafa de 2 litros de refrigerante bem gelada,
um biscoito salgado daqueles que grudava no estômago,
e talvez um sorvete de casquinha que não custava nem 2 reais.
Outro dia ria dos assuntos mais banais
Corria contra o vento como se não houvesse amanhã
Outro dia, tipo qualquer dia, dormia de pé sujo,
pedalava o dia inteiro e torcia para a corrente da bike não soltar.
Hoje lembro risonho e torço tristonho
Amanhã há de ser outro dia.



A arte da vida

A pressa venço na conversa
Quando a afobação me atravessa
Respiro fundo, peito aberto
O aqui-e-agora me interessa
O medo é um intruso
Não foi convidado
Um grande parasita
Paralisa o descuidado
Corro em terreno descampado
A liberdade que luto para viver
O sonho do sorriso não reter
A eternidade em um ser inacabado

Ana Carla Peixoto Torres

Estudante de Psicologia

Escritora, poeta e autista, tem suas maiores inspirações as autoras Elayne Baeta e Emily Dickinson, e escreve poemas e poesias em inglês e português. Ana pretende lançar seu primeiro livro "Innocuous" em breve, que conta história sobre duas garotas se apaixonando; também tem como objetivo, futuramente, publicar um livro de poesias se houver oportunidade. Para acompanhar a trajetória da autora, siga-a no Instagram: @asterllus.

Poemas: Bolha de sabão; Será que serei “normal”? Sentir; Não sei existir sem amor;

Tenho dificuldade em dizer em voz alta o que sinto, por isso escrevo. Palavras vomitadas no papel são mais fáceis de expressar do que deixá-las agarradas na garganta.

Bolha de sabão

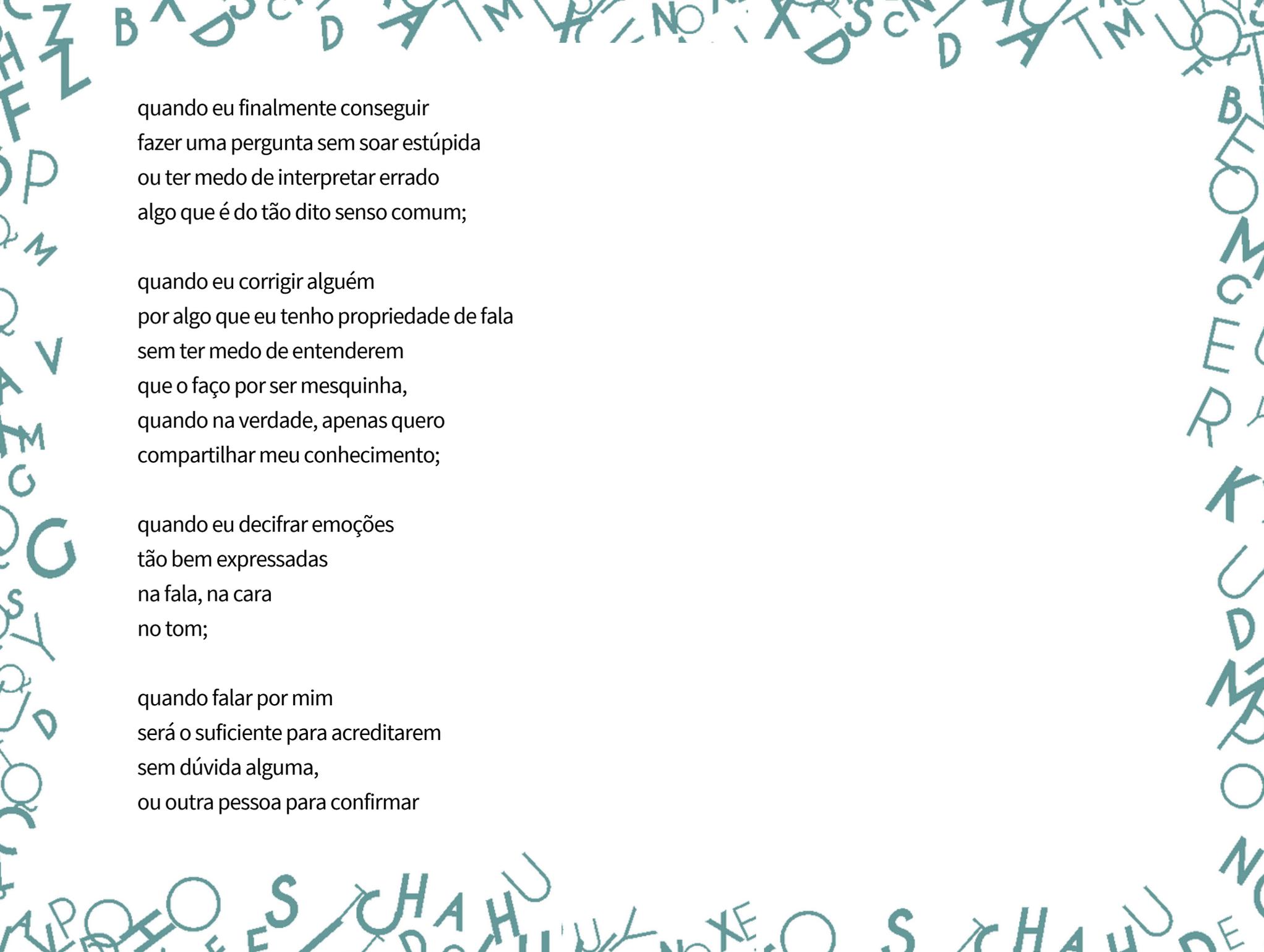
sinto como se estivesse presa
em volta de uma bolha de sabão:
por fora, tão fácil de estourar
por dentro, tão difícil de sair.

Será que então, serei “normal”?

quando as luzes desligarem
o som, de repente, abafarem
e as etiquetas, para o lado de fora
da roupa ficarem;

quando meu sorriso for sincero
e não ensaiado, tentando não ter
o que eu digo mal interpretado;

quando meus amigos não me deixarem
pois sou tão, mas tão difícil de lidar
"eu não aguento sua turbulência,
me balança demais" eu entendo.
ela me balança todos os dias também.



quando eu finalmente conseguir
fazer uma pergunta sem soar estúpida
ou ter medo de interpretar errado
algo que é do tão dito senso comum;

quando eu corrigir alguém
por algo que eu tenho propriedade de fala
sem ter medo de entenderem
que o faço por ser mesquinha,
quando na verdade, apenas quero
compartilhar meu conhecimento;

quando eu decifrar emoções
tão bem expressadas
na fala, na cara
no tom;

quando falar por mim
será o suficiente para acreditarem
sem dúvida alguma,
ou outra pessoa para confirmar

— será que então, serei "normal"?

mas o que é ser normal, realmente?

algo feito de fábrica, onde todos agem iguais?

"vista essa roupa, aja desta maneira"

eu sou artista, eu não sou normal

eu me visto estranho, falo esquisito

danço engraçado, sou neurodivergente

meu cabelo é difícil, mas faz parte de mim

sou meio cabeça dura, teimosa e desastrada

mas se ser normal, é ter que remover um pedaço do meus ser...

quebra cabeças nenhum está completo faltando uma peça.

Não sei existir sem amor

Eu não sei existir sem amor
eu não sei existir
sem amor.
mais especificamente,
talvez eu não saiba existir sem amar.

tanto faz, se o amor for
por aquela menina da minha adolescência
que eu nunca admiti em voz alta o que era
mas, ah, paixões também são amores.

há também, meu amor mais recente
que me deixou batendo os dentes
com a ansiedade gostosa
- uns chamam de borboletas -,
que me causava arrepios.
até as borboletas sufocarem
e o arrepio não fazer meus pelos eriçarem.

há tanto tipo de amor,
não dá para se descartar nenhum:
seja amor de fã,
amor de amigos,
amor de arte...

e Eu simplesmente não consigo viver sem amar.

"Olá, vocês vendem amor?

Me vê uma dose, por favor.

Sim, acrescente sorrisos

e tudo bem se houver lágrimas,

pois até para amar precisamos chorar."

"Não, senhora. Nosso amor esgotou.

Volte na próxima semana."

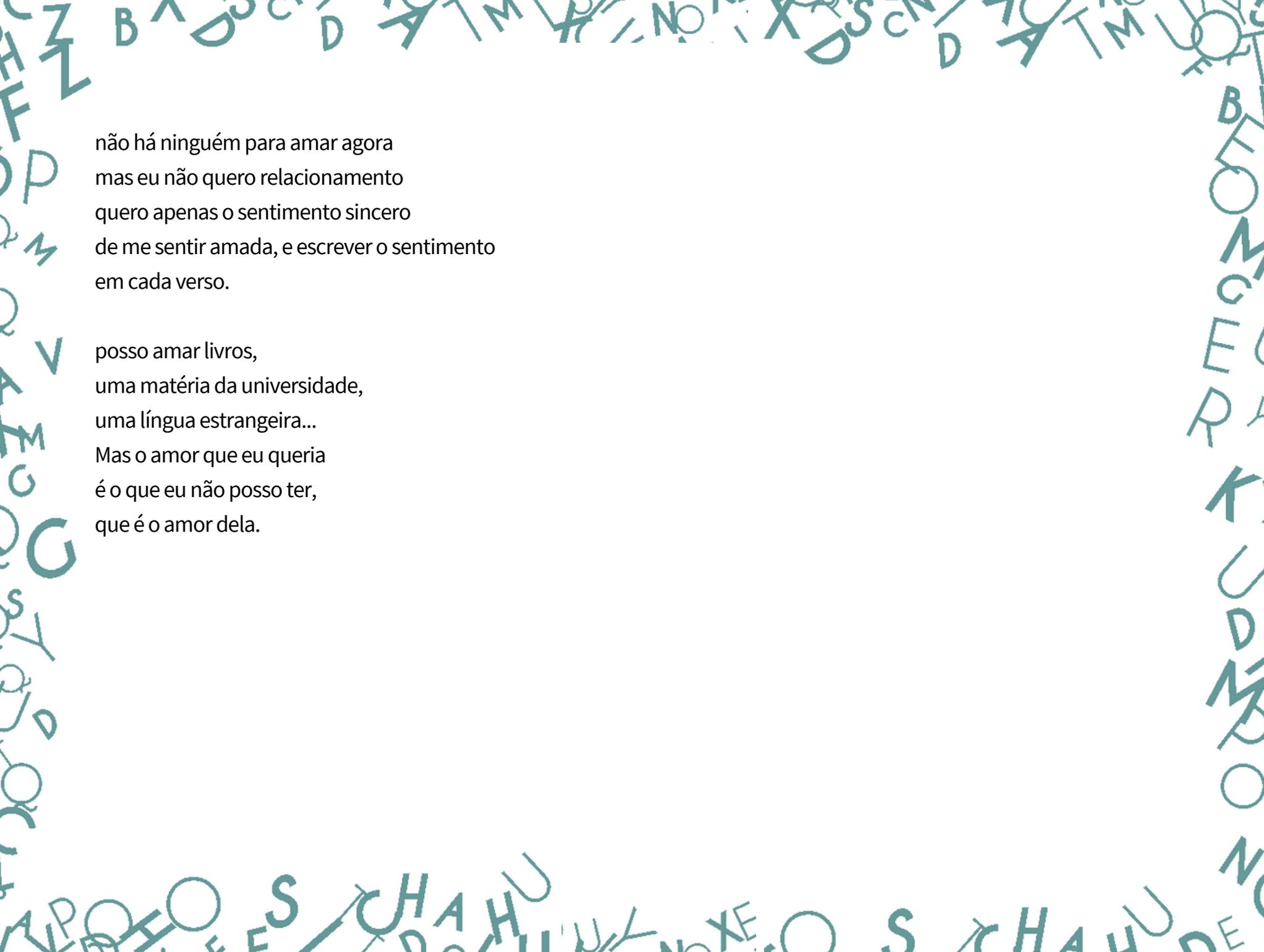
Eu não sei se consigo ficar sem sentir

até semana que vem

pois semana que vem, posso ser outro alguém.

e definitivamente não quero ser

uma pessoa que não ama.



não há ninguém para amar agora
mas eu não quero relacionamento
quero apenas o sentimento sincero
de me sentir amada, e escrever o sentimento
em cada verso.

posso amar livros,
uma matéria da universidade,
uma língua estrangeira...
Mas o amor que eu queria
é o que eu não posso ter,
que é o amor dela.

Sentir

Não há como saber
as vezes eu sinto
mais que consigo pôr em palavras

meu peito dói,
minha alma agoniza
meu estômago encolhe,
minha mente está aflita

meu coração em pedaços,
meus braços remendados

não há definição
pro que eu sinto
por isso escrevo.

se não há como saber,
não há como entender
e poesia não se entende,
se sente.

Ana Teresa Martins Freire Leitão (Ana Teresa Leitão)

Estudante de Medicina

Ana Teresa Leitão é uma estudante de Medicina portuguesa, que se encontra atualmente a realizar um intercâmbio clínico na UNIFESO. O seu percurso em Medicina tem sido enriquecido por um espectro largo de experiências a nível local, nacional e internacional, em áreas como a Ciência Médica, Assuntos Externos e Envolvimento Estudantil, tendo sido capaz de cultivar uma profunda compreensão dos desafios na saúde e esforçando-se para ter um impacto positivo na sociedade.

Poema: Relato de Aventuras no Outro Lado do Atlântico

Este poema reflete sobre o intercâmbio da autora no Brasil, onde encontrou uma Medicina inspiradora e professores de excelência na UNIFESO. Deste modo, o poema expressa gratidão e carinho pela experiência e pela família encontrada na instituição.

Relato de Aventuras no Outro Lado do Atlântico

Saio de casa numa madrugada,
Com vontade de explorar terras brasileiras,
Atravessar o Atlântico, que grande jornada!
Em busca de experiências verdadeiras.
A pensar numa Medicina diferente e outros métodos a dominar,
Saio do avião –ao Rio cheguei!
Verão que virou inverno, foi fácil notar,
Um novo mundo encontrei.
No dia seguinte, Teresópolis me esperava,
Com o famoso dedo de Deus e Parque Natural grandioso,
A cidade do meu nome, o meu coração pulsava,
Estágio na UNIFESO, que maravilhoso!
Aqui a Medicina é inspiração,
Com professores motivados a ensinar,
Cada dia de estágio uma nova lição,
E o meu conhecimento constantemente a aumentar.
Uma segunda casa na UNIFESO encontrei,
E memórias que guardo com carinho e emoção,
A grande família onde as sementes de amor plantei,
E que será sempre o meu intercâmbio do coração.

Beatriz Baptista do Couto (Beatriz Bacout)

Estudante de Medicina

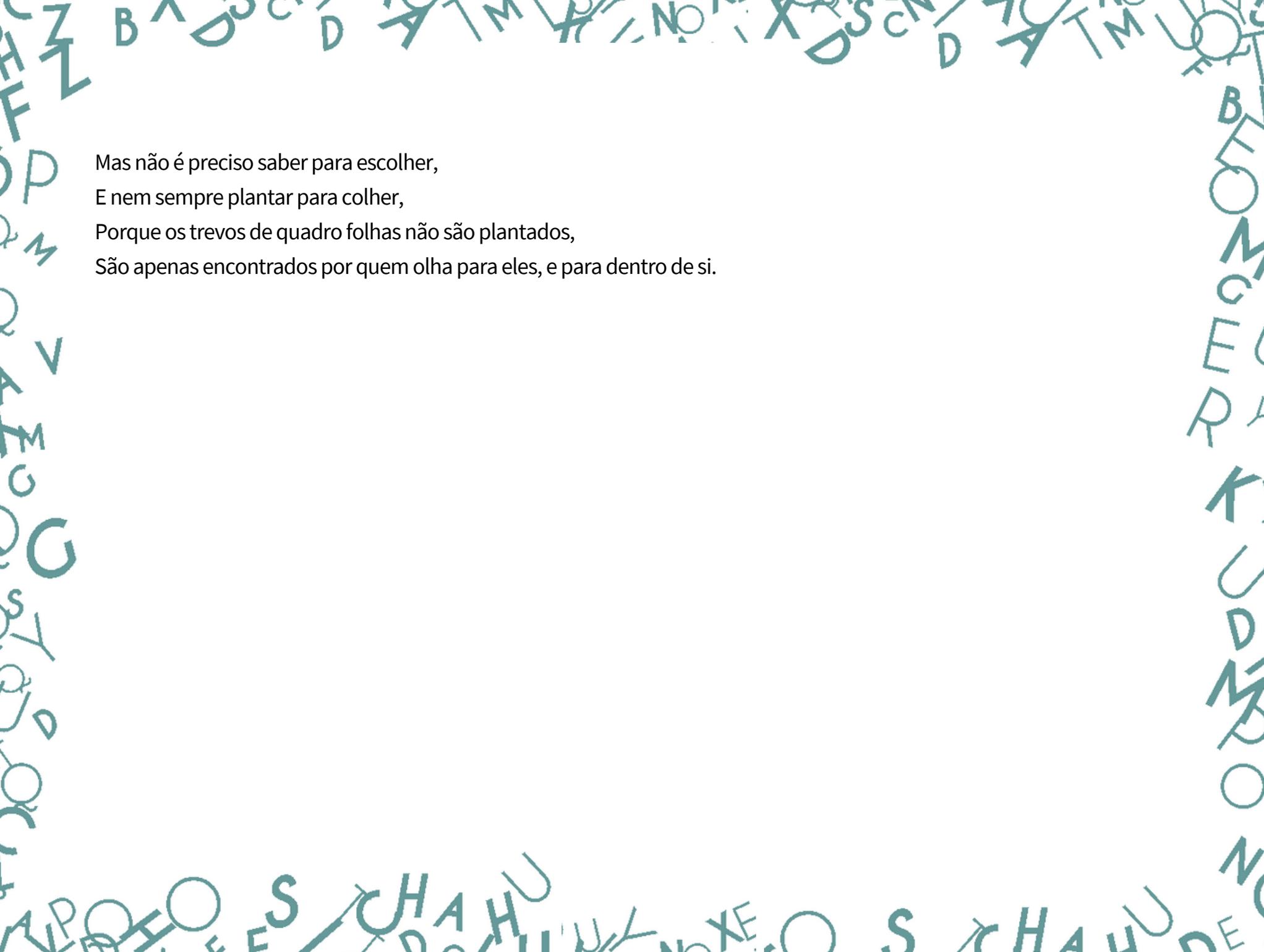
Compositora luso-brasileira, Beatriz Baptista do Couto iniciou seus estudos artísticos no Conservatório de Música do Porto, em Portugal. Mudou-se para o Brasil em 2015, e deu continuidade aos estudos no curso de bacharelado em música na UFRJ. Ainda como estudante, assumiu o nome artístico Beatriz Bacout, e teve a obra “Suíte dos bichos”, aprovada no Panorama da Música Brasileira de 2010. Graduou-se também em Licenciatura em Música, especializou-se em Educação musical, e atua profissionalmente como compositora, arranjadora, pianista acompanhadora e professora de música, atendendo alunos desde a iniciação musical ao ensino superior. Graduou-se em Biomedicina pela UFF com habilitação em análises clínicas, em Licenciatura em Biologia. Coursou ainda cadeiras de Produção Cultural na UFF com intuito de se atualizar no cenário cultural e produzir arte multimídia, em 2022 produziu seu primeiro curta-metragem. Atualmente estudante de medicina da UNIFESO, tem se aventurado pelo mundo da literatura, escrevendo pequenas narrativas e poemas.

Poema: Trevo de quatro folhas

Este poema foi escrito em dois momentos distintos em 2023, e transmite reflexões e sentimentos conflituosos. Os primeiros versos foram pensados para serem musicados. Depois com a continuação do poema e a quebra da métrica inicial, a ideia de musicar o poema ficou em segundo plano, pois tal como diz o poema, viver é a arte de compor, e compor é fazer escolhas.

Trevo de quatro folhas

Estou sentindo falta de procurar
A sorte no meio do jardim...
De sentar na grama e só olhar,
Para o verde e para dentro de mim...
No verde vou tentar encontrar
Um trevo de quatro folhas,
E dentro de mim buscar,
Razões para as minhas escolhas.
A vida é a arte de compor,
Sem saber o tempo e quem dispomos.
Escolher é abrir mão...
Então que seja em prol dos nossos sonhos!
Voláteis vívidos ou vividos....
Lúcidos, lembrados ou perdidos...
Os sonhos mudam, o tempo passa e as pessoas também.
Por isso olho para a grama procurando a sorte...
Olho para o céu procurando Deus,
E para dentro de mim procurando os meus...
Razões invisíveis, sentimentos ininteligíveis,
Sonhos inatingíveis? Rumos imprevisíveis...



Mas não é preciso saber para escolher,
E nem sempre plantar para colher,
Porque os trevos de quadro folhas não são plantados,
São apenas encontrados por quem olha para eles, e para dentro de si.



Carolina Rosa Pacheco Fernandes

Estudante de Psicologia

Poemas: Tanto; Outro de mim; Abrigo; Território; Amor de Pandemia

Esses poemas foram escritos ao longo desses três anos como forma de lidar com as inúmeras questões que me atravessaram.

Tanto

É tanta coisa pra ser feliz

É tanta coisa para agradecer
que às vezes me esqueço.

Deixo os dias passar

o céu escurecer

e vou de tropeço em tropeço.

Mesmo sabendo que sou assim

É difícil por fim,

porque eu sempre

me esqueço.

O foco nunca está aqui

O desejo está no por vir e

no ar sempre fresco.

Território

Tem lugar que

é gente e

tem gente que

é lugar

Simbólico, imaginário

Fetiche solitário

Matéria viva

escorre e arrepia

Que cheiro é esse

que embebeda?

Vem de dentro

molhado feito terra.

Abrigo

Acolher e ser acolhido

Acolher tudo o que
fizer sentido

Acolher seus resmungos
e gemidos

Acolher é dar ouvidos

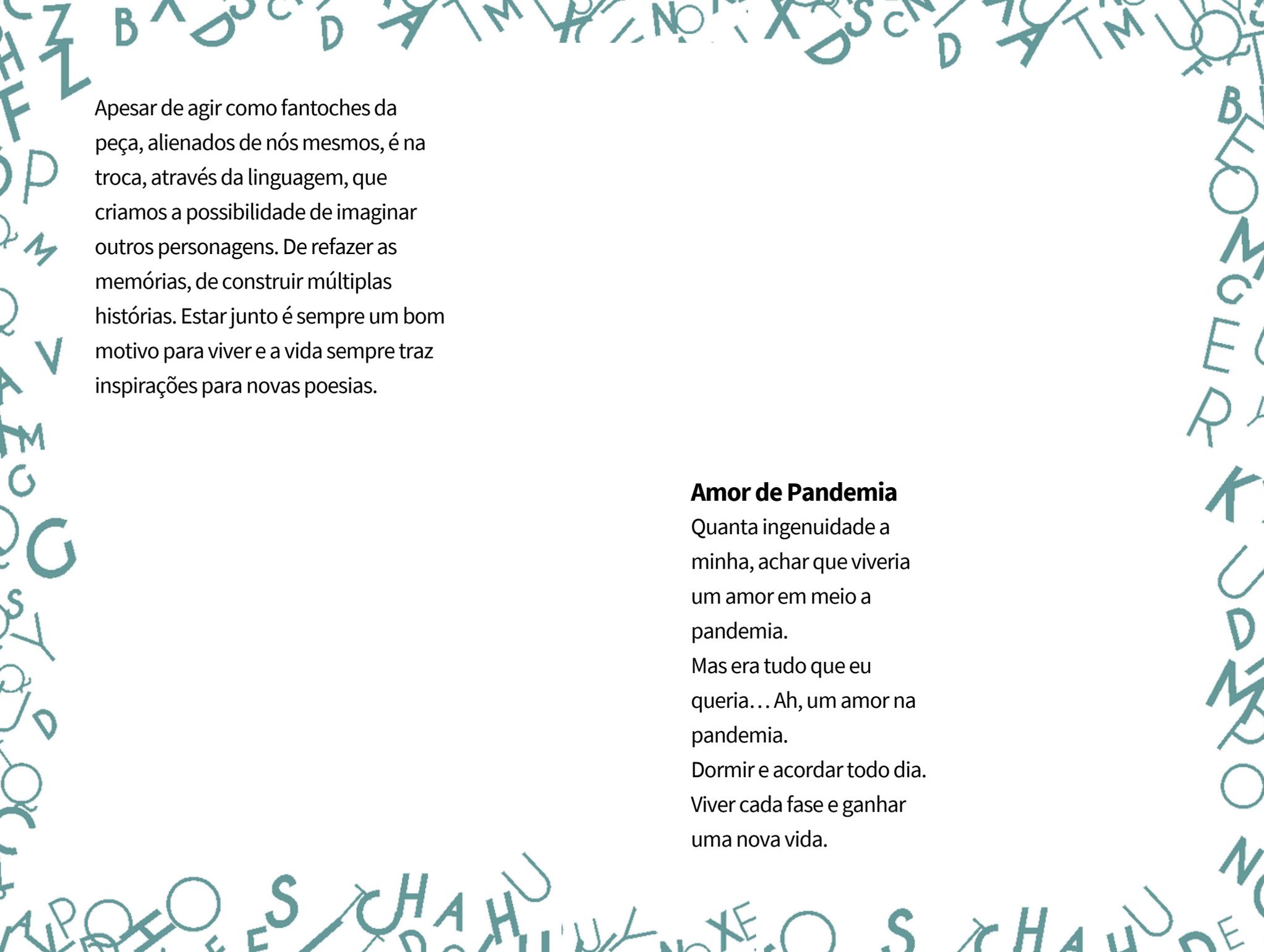
Acolher para se manter vivo

O acolhimento é como um abrigo

Nos mantêm seguros e aquecidos
para sentir o que estivermos sentindo

Outro de mim

Como falar de nós, sendo Eu sempre protagonista? Como enxergar o todo com essa venda narcisista? O Eu que fala não é o Eu que escuta. Não entendo o medo de ser descoberto. Cada vez que a gente fala, algo muda. Cada vez que a gente escuta, traz o outro para mais perto. É claro que o eu é importante, mas é ilusório e arrogante achar que ele é construído se mantendo distante. Somos fogueira e abrigo. Somos espelho e afeto.



Apesar de agir como fantoches da
peça, alienados de nós mesmos, é na
troca, através da linguagem, que
criamos a possibilidade de imaginar
outros personagens. De refazer as
memórias, de construir múltiplas
histórias. Estar junto é sempre um bom
motivo para viver e a vida sempre traz
inspirações para novas poesias.

Amor de Pandemia

Quanta ingenuidade a
minha, achar que viveria
um amor em meio a
pandemia.

Mas era tudo que eu
queria... Ah, um amor na
pandemia.

Dormir e acordar todo dia.

Viver cada fase e ganhar
uma nova vida.

Fabiane Maçulo de Oliveira Limongi
Estudante de Psicologia

Poemas: Comportamento roubado; Granja Guarani

O poema Comportamento Roubado eu fiz em homenagem ao livro O Alienista de Machado de Assis e o poema Granja Guarani eu fiz em homenagem ao bairro de Teresópolis e para uma apresentação sobre território, o que motivou me também foi a questão da minha professora Ana Cloe ter sido nascida e criada nesse bairro.

Comportamento Roubado

Uma casa...

Nela viver ou existir?

Sobreviver naquele poder, dava mesmo era vontade de correr!

Faltava aconchego e respeito

tanto, dava até dor no peito.

A liberdade roubada...

Nada podia buscar, conquistar e realizar.

O que ofereceu lá?

O que era aquele "vem comigo, vamos lá"?

Palácio, não, com própria dor,
era quase filme...de terror!

O amor que fim levou?

A ciência roubou.

E o q seria do amarelo,

Se cada tom não fosse belo?

Ele sonhou,

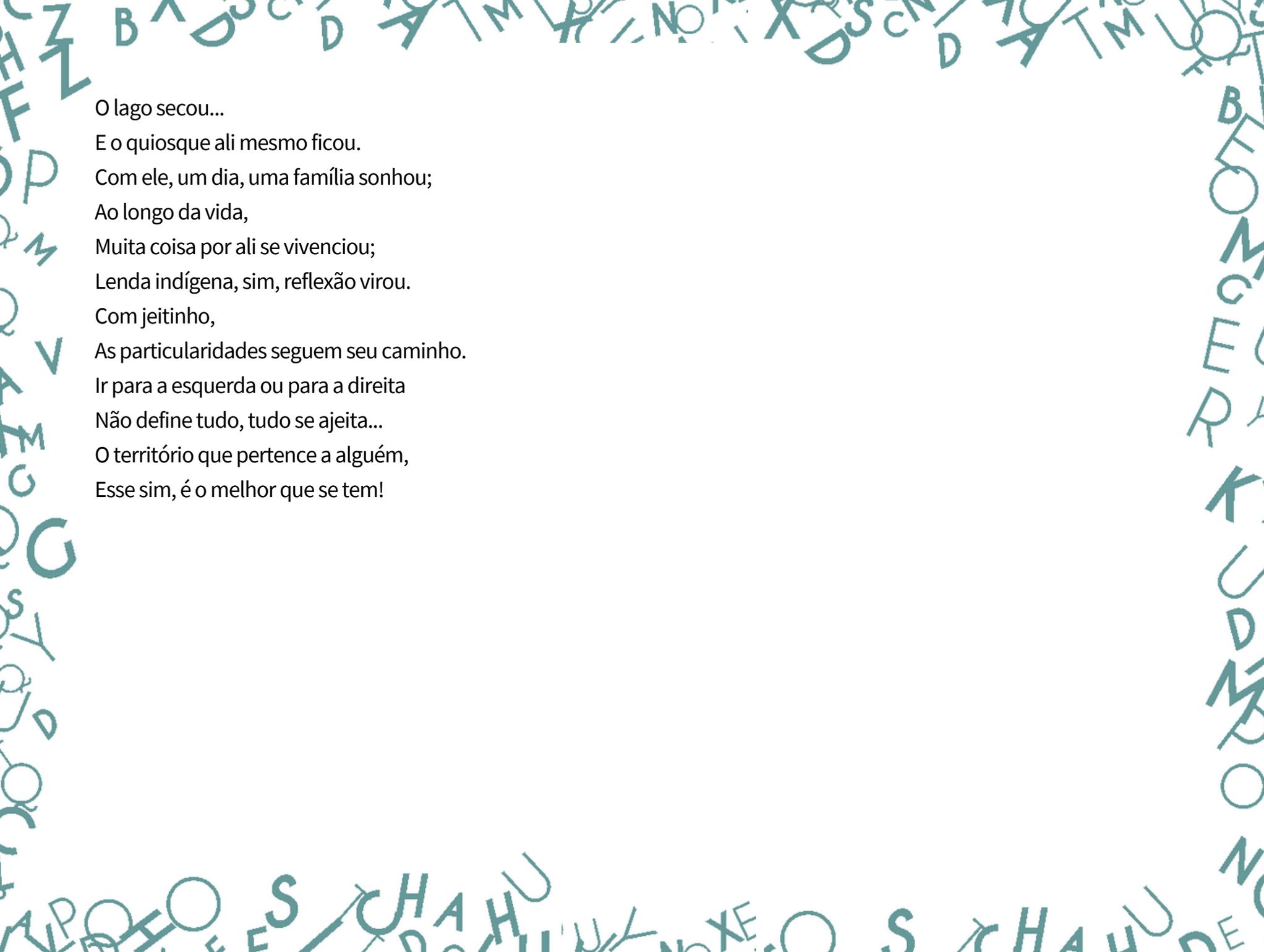
Em um momento, lutou ;

para atingir um lugar do poderoso eu sou,
ditador que pouco pensou, causou tamanha dor
no louco que ele buscou.

A sociedade de Itaguaí
para o comportamento até se fechou,
diante daquele olhar...
E não é que ele se enganou? A casa verde para ele também restou!
Ele projetou e assim terminou!
E a loucura afinal
De Machado o Alienista
Não é nenhum mal
Depende do ponto de vista

Granja Guarani

Granja Guarani...
Quantos passam por ali!
Já na entrada, o olhar busca entender,
Que ali muitas histórias há de ter.
Cada pedacinho conquistado,
uma propriedade revelada.
Da janela mais antiga,
Um jardim florido, que remete amor,
E sim a mais bela flor!
Da janela moderna,
O mais prático e rápido
Para se viver, por favor.



O lago secou...

E o quiosque ali mesmo ficou.

Com ele, um dia, uma família sonhou;

Ao longo da vida,

Muita coisa por ali se vivenciou;

Lenda indígena, sim, reflexão virou.

Com jeitinho,

As particularidades seguem seu caminho.

Ir para a esquerda ou para a direita

Não define tudo, tudo se ajeita...

O território que pertence a alguém,

Esse sim, é o melhor que se tem!

Fernanda Magnotti Lanes

Estudante de Psicologia

Poema: Recomeçar

Um recomeço de uma relação que não chegou a ter um ponto final.

Recomeçar

Nesse caminho sinuoso
no meu tempo tão incomum
de incertezas, reviravoltas
de uma vida singular
em que a única constante
é a certeza da inconstância...

Minha pedra angular,
meu leme, meu rumo...

Sempre você...

Minha fé, meu porto, meu ar.

Vontade de permanecer,
medo de regressar.

Mais uma história.

A mesma? Outra?

O sonho, a porta aberta,
só chega,
recomeça (r)

Gabriel Marinho Batista
Estudante de Psicologia

Poemas: Eu queria ser uma árvore garapeira; Vivendo e Vivendo

O poema intitulado "Eu queria ser uma árvore garapeira", a árvore garapeira é apresentada como um símbolo de força, resistência e serenidade, capaz de oferecer sombra e abrigo em diferentes condições climáticas e em condições de perturbação. O poema expressa uma admiração pela árvore por sua capacidade de persistir e permanecer de pé, mesmo diante das adversidades. O poema também expressa uma mensagem necessária, mas é acobertada pela comédia que o poema traz. O Poema intitulado "Vivendo e Vivendo", fala sobre a complexidade das emoções e experiências vividas em relação a alguém que o cumprimenta e se despede repetidamente. Essa interação causa uma mistura de sensações, desde momentos de congelamento até momentos de intensa emoção. A narrativa sugere uma dualidade entre o desejo de se conectar e a dificuldade em alcançar essa conexão, persistindo na ideia de continuar a viver apesar das incertezas e oscilações emocionais.

Eu queria ser uma árvore garapeira

Eu gostaria de ser uma árvore, mas não apenas uma árvore, especificamente uma árvore protegida pelo IBAMA, como uma árvore garapeira.

Chova ou faça sol, ela permanece firme, mesmo quando ventos balançam seus galhos e os inclinam, ela persiste, simplesmente como uma árvore garapeira.

Eu queria ser uma árvore garapeira. Ninguém a prejudica, e ela não prejudica ninguém. Ela possui um tronco forte e duradouro, com folhas e galhos bem distribuídos.

Ela está sempre lá, serena e autêntica. Quando faz calor, oferece sombra. Quando chove, fornece abrigo, tudo sem esforço, apenas sendo ela mesma, sempre de pé.

Às vezes, ela pode fraquejar, mas sua determinação de não cair permanece inabalável. Eu desejava ser uma árvore, mas não apenas qualquer árvore; eu queria ser uma árvore garapeira.

Vivendo e Vivendo

Então, você me disse oi, bem mais de duas vezes, e isso me congelou muitas vezes, e mesmo que eu tente te alcançar sei que não vou conseguir, pois, quando invade minhas veias e infiltra meus pensamentos, tenho crises onde tento te achar, então eu continuo vivendo e vivendo.

Em todas às vezes que isso me atinge consigo ouvir as cores em êxtase, você me carregou para esse poço de adrenalina e me abandonou aqui, então eu continuo vivendo e vivendo.

Às vezes isso me pega, e eu caio desnorteada.

Às vezes isso me guia e eu acabo caindo desnorteada.

Então, você me disse tchau, bem mais de duas vezes, e isso não me congelou nenhuma vez, e mesmo que tente me alcançar, oh meu querido, infelizmente você não vai conseguir, pois, quando isso invade suas veias e seus pensamentos, você tem crises onde se perde, então tente se achar.

Então eu continuo vivendo e vivendo.

Gabrielle Goulart Balthazar **(Gabrielle Balthazar)**

Estudante de Medicina

Estudante de medicina, entusiasta do fazer poético desde tenra idade: seus primeiros versos começaram a ganhar vida aos seus 11 anos. Infelizmente, a poesia acabou por ser um hobby passageiro, mas durante toda a adolescência deteve grande apreço pela literatura e a escrita se manteve como uma paixão ao decorrer de sua vida. A participação nesse livro é um resgate de sua pequena criança poeta, que pôde mais uma vez sorrir em versos.

Poema: Amor meu, para mim

Inspirado em "Não te amo mais", da Clarice Lispector, o poema é construído com a sobreposição de duas narrativas com perspectivas contrastantes. Uma em sentido de leitura convencional, intimamente relacionada a outra que deve ser lida "aos avessos" (de trás para frente). Além disso, teve-se o cuidado de formar o título "Amor meu, para mim" com a junção das primeiras letras de cada verso, na ordem convencional, como deveria ser. O primeiro enredo, de escrita intencionalmente mais confusa e descontínua, constrói o processo de luto enfrentado pelo eu lírico com o término de um relacionamento, o qual desorganiza suas emoções e sua própria relação consigo mesmo. São expressas algumas das fases de luto descritas pela psiquiatra Elisabeth Kübler-Ross, como a negação, a tristeza, a barganha e a aceitação, com exceção apenas da raiva. Na primeira estrofe, há o transbordar de tristeza e solidão, alicerçados ao carinho a que se refere àquele que é o lar de seu acalento. Na segunda e na terceira, se conjuga uma dualidade de entender que o relacionamento chegou ao fim, mas ao mesmo tempo barganhar por ilusões que mudem a realidade a qual se nega a aceitar. Por fim, aceita que, sim, ele a "completa", ou melhor: a "completava", já que admite se lembrar que não estão mais juntos. Na última estrofe, clama em saudades e decreta como "seu amor" é na verdade quem ama, que deter o amor é a pessoa amada a quem busca por amparo emocional (e por quem nutre uma dependência danosa), posto que renega se amar. Por outro lado, se lido "do avesso", percebe-se uma superação do eu lírico das marcas de seu antigo relacionamento, da dependência e de sua falta de amor-próprio. Agora, se ama, mesmo que em versos avessos, não sentindo mais falta de estar com ele. Ainda se lembra de tudo, mas só agora entende que ele a completava com partes incompletas que nunca se tornariam um todo, jamais a fariam ser um todo. Em verdade, ele a impedia de ser completa. E hoje, lhe é um pesadelo sonhar estar com ele e não estarem distantes. Repousar na solidão é, agora, conforto e a faz transbordar de emoções agradáveis. Afinal, agora seu amor é para si, é um amor por ela, dela e para ela.

Amor meu, para mim

Amor meu, para mim
Me transborda pensar que
Ontem, é como hoje
Repouso na solidão

Me assusta pensar que sim
Eu não estou com você
Ufa, era só um pesadelo?

Pedaços de incompletude
A sua vida me completa
Recentemente, entendi que
Ainda me lembro bem

Me falta a sua companhia
Inflo o peito e renego que
Me amo, em versos avessos

Geraldo Bezerra de Lima Costa
Estudante de Ciência da Computação

Poemas: Nova Era; Meu avô dizia

Nova Era: retrata os riscos de extinção do planeta; Meu avô dizia traz reflexões de âmbito pessoal.

Nova Era

A nova Era chega

Inquieta, barulhenta e infame.

Alguns pensam: chega!

De guerras, doenças e fome.

Parece chegar devagar, sem avisar,

Mas a verdade é simples e dura.

Já fomos avisados. Basta pensar!

Mas poucos realmente se importam com a cura.

Tecnologia, progresso ou evolução

Afastam-nos do que realmente importa,

Gerando a verdadeira desconexão...

Desconhecemos o vizinho de porta.

Necessitando de preenchimento,

Buscamos gurus ou um falso profeta.

Enquanto, àquilo que devemos exaltação,

Profanamos, com desmatamento e poluição.

Viajemos à Marte ou outro planeta,

Pois a Terra já não nos fornece o sustento.

Se isto é o que restou da humanidade,

Melhor morrer a viver nesta falsa realidade.

Sejamos razoáveis, livres em pensamento.
Antes de aqui aterrissar o tal cometa,
Nosso mundo vivia em paz e unidade.
Mas a busca incessante cerceia a tal liberdade.
Não esperemos colher algo diferente do que plantamos.
Se o mundo não sobreviver a este parasita insano,
Apenas em nossos corações restarão aqueles que amamos.
A fim de admirar o que não é visto neste plano.

Meu avô dizia

Enquanto eu sinto, como sinto,
A brisa beija meu rosto odioso.
Supere a barra, que te barra!
Meu avô dizia, mas eu só me feria.
Enquanto eu canto, de canto,
Para a ausência do público glorioso.
A onda quebra, mas não quebra!
Meu avô dizia, mas eu não entendia.
Enquanto eu cobro, e me cobro,
O tempo avança, precioso.
Esta passagem é curta, então curta!
Meu avô dizia, mas eu só corria.
Enquanto eu olho, no olho,
Por um momento, sinto-me vitorioso.
Finalmente captou a ponta, da ponta!
Meu avô dizia, e eu já o compreendia.

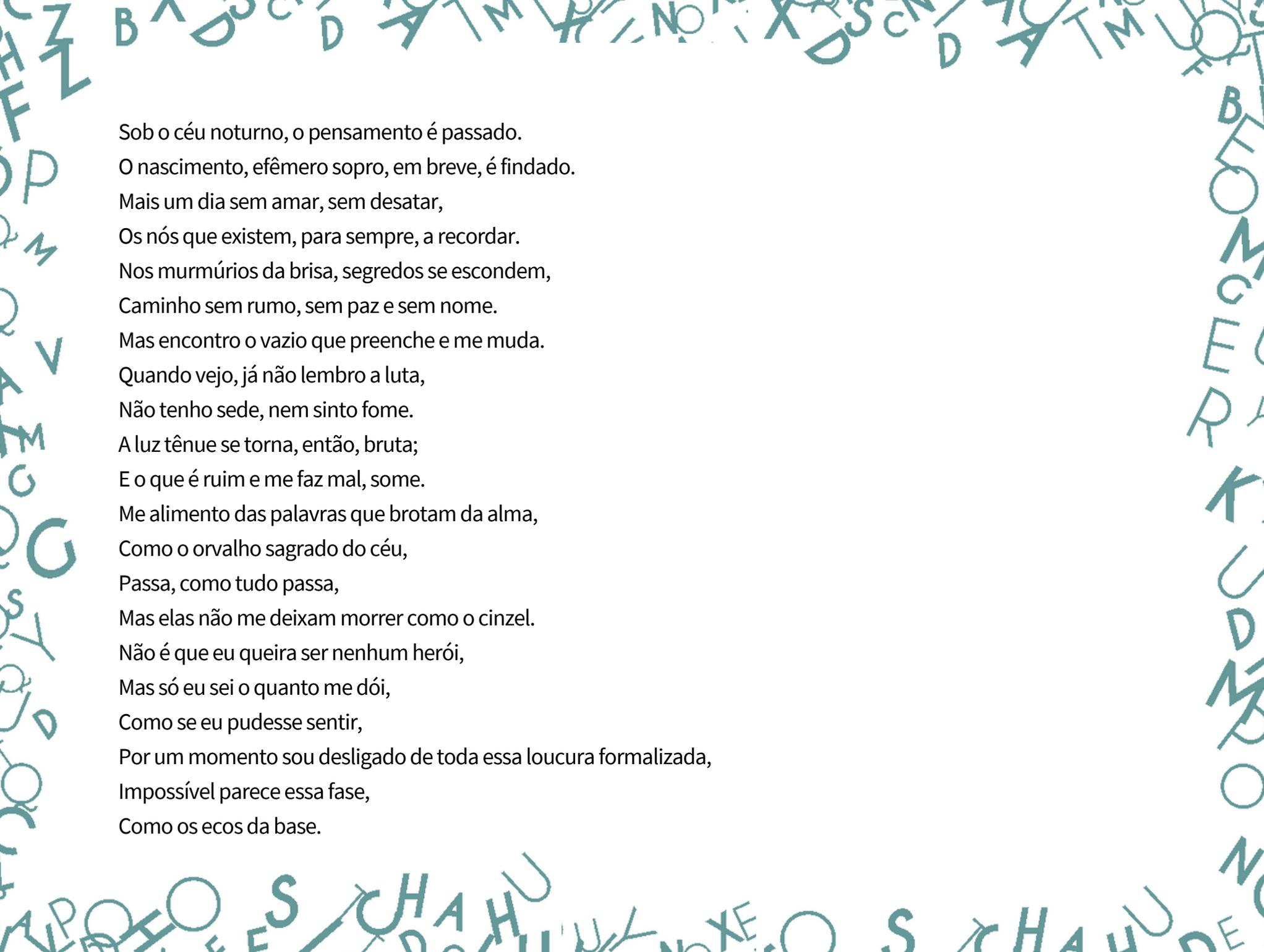
Gianluca Almeida Wanderley
Estudante de Psicologia

Poema: Ecos da Base

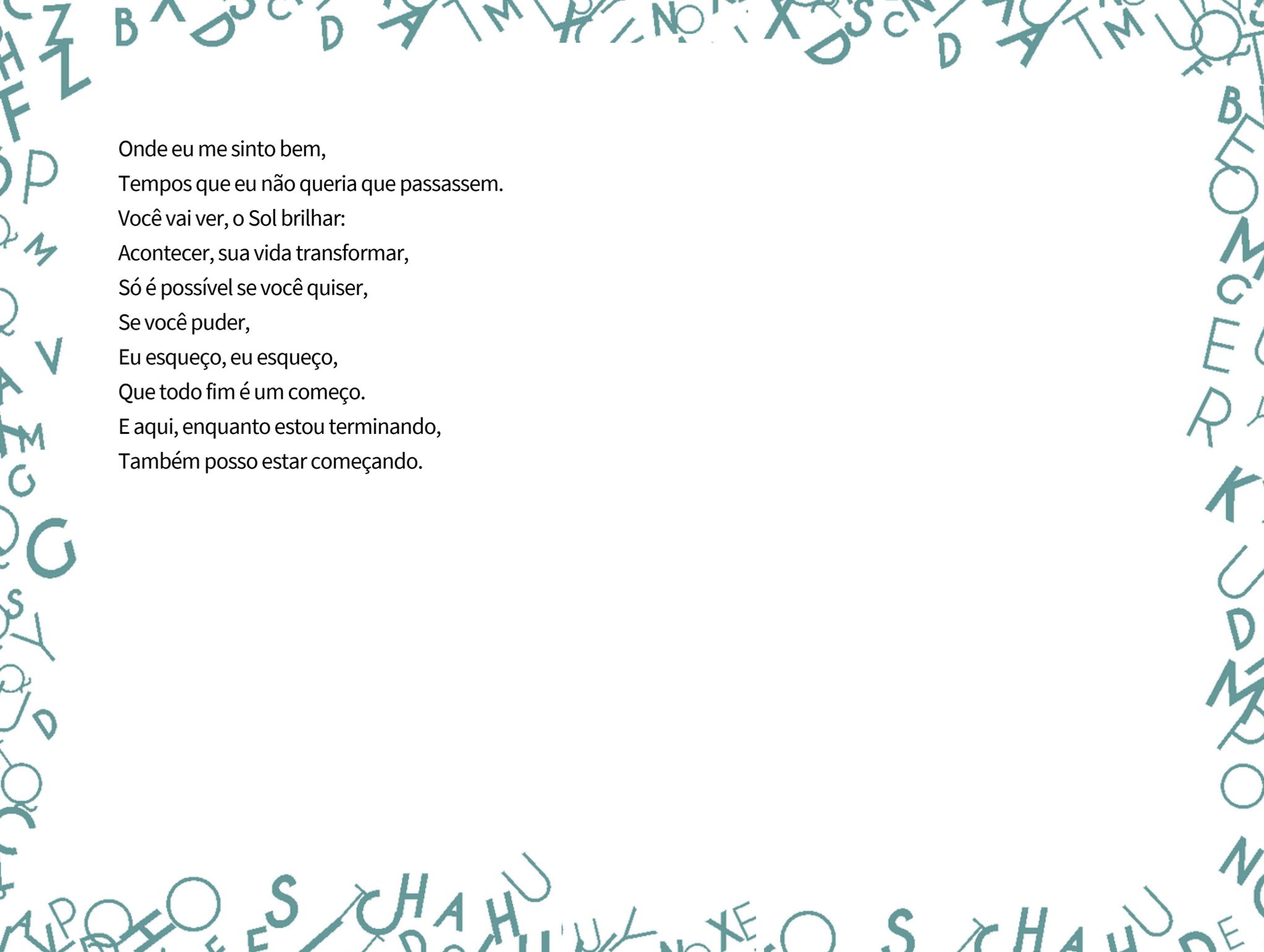
Um poema sobre a vida e apenas isso.

Ecoss da base

Em meio à certeza, sem nada para duvidar,
Cada ciclo termina esperando ser desvendado.
A alma, serena, calma, se entrelaça,
No dia frio, abraça o silêncio que passa.
Na harmonia do caos, a vela se acende,
Eu e a lua, insurgindo na distância da montanha azul,
A madrugada das miragens marca a sutil nostalgia,
Cantando velhas memórias, antigas canções de um passado rupestre.
A colina alcança a cortina que balança na sala vazia,
Sutilmente, a verdade emerge do erro como maresia.
Sem voz, meus pensamentos são mais que palavras, uma nova linguagem;
E se eu te disser que não sinto mais nada?
Mas é um nada, uma devastação interna e caótica,
Renascendo como o pássaro de fogo que não morre.
Um nada, um vazio, um.
A união do Todo.
O todo é um.
Sublime nada que me habita por um segundo e então foge.
E eu submerjo atado aos véus de crenças que se vão,
E que se desfazem, se tornam partículas incrédulas de sua existência.
O silêncio é uma multidão.



Sob o céu noturno, o pensamento é passado.
O nascimento, efêmero sopra, em breve, é findado.
Mais um dia sem amar, sem desatar,
Os nós que existem, para sempre, a recordar.
Nos murmúrios da brisa, segredos se escondem,
Caminho sem rumo, sem paz e sem nome.
Mas encontro o vazio que preenche e me muda.
Quando vejo, já não lembro a luta,
Não tenho sede, nem sinto fome.
A luz tênue se torna, então, bruta;
E o que é ruim e me faz mal, some.
Me alimento das palavras que brotam da alma,
Como o orvalho sagrado do céu,
Passa, como tudo passa,
Mas elas não me deixam morrer como o cinzel.
Não é que eu queira ser nenhum herói,
Mas só eu sei o quanto me dói,
Como se eu pudesse sentir,
Por um momento sou desligado de toda essa loucura formalizada,
Impossível parece essa fase,
Como os ecos da base.



Onde eu me sinto bem,
Tempos que eu não queria que passassem.
Você vai ver, o Sol brilhar:
Acontecer, sua vida transformar,
Só é possível se você quiser,
Se você puder,
Eu esqueço, eu esqueço,
Que todo fim é um começo.
E aqui, enquanto estou terminando,
Também posso estar começando.

Hugo Rodrigues de Camargo
Estudante de Psicologia

Poema: Arrependimento

Fala sobre se arrepender e em como podemos aprender com nossos erros, mesmo que não tenhamos tanto controle sobre a vida e nós mesmos.

Arrependimento

Como admitir o erro diante da porta aberta?

Ou que errei o caminho, perdi-me no limbo da dúvida.

Eu deixei você partir a base estrutural do que era eu.

Você partiu e eu me parti!

Dois ou três pedaços, como um jovem fóssil

A ternura da inocência, a virtude do não saber.

Talvez você nunca saiba da aflição,

Que sofro em silêncio nas ruínas das minhas memórias,

Persisto no entrelaço do cândido abraço de cinema,

No encaixo, alcanço a dança e me vejo nu, em cena.

Qual é a peça teatral?

É um drama, uma comédia, tudo isso junto?

Aventuras? Ações automáticas ditadas pelo quê?

Quem é a presença que reina no meu 'ser'?

E que me sussurra as coisas, me faz achar que sou eu quem 'diz'.

Mas não sou senhor nem na minha própria sombra,

É a esmeralda imperatriz.

O mistério arrematado,

O bispo raptado,

Moro em uma casa onde não mando em nada.
Quando durmo, nem mesmo os sonhos eu escolho.
Sou refém desse alguém, (quem?)
Eu mesmo, mas,
De outro jeito.
Como se caísse em um mesmo leito,
Por dentro ferve e derrete meu peito.
O sofrimento me acorda,
Desperta o inconsciente sentido de viver,
Cego instinto com alguma frase,
Que ecoa, grita a última fase!
Não sei qual é a base,
De um fundamento que não se evade.
Foi o meu erro que me salvou.
O meu acerto poderia ter sido a minha perdição;
Por achar que estava no comando,
Por achar que era o chefe do bando,
Quando só era mais um espectro remando,
No mar de sal, sem igual, como um sagrado ritual,
Apenas o piloto,
Mas sem timão, leme ou conhecimento naval.

João Victor Lima Aiello
Estudante de Medicina

Poema: A Festa Planetária

Um poema sobre o encontro entre o Sol e a Lua.

A Festa planetária

A Lua tão presente no meu céu
Despe-se à noite do seu véu
E vai à festa estrelar
Dançar crendo que o Sol virá
O Sol dorme enquanto a Lua canta
Seu calor é só pela manhã
E não cede mesmo quando a Lua faz manha
Os outros planetas perguntam à Lua
"O Sol virá?"
E a Lua nada faz
Apenas flutua
Mas ao fim da festa
O Sol aparece tímido e sem graça
Abraça os planetas num abraço quente
E no bar refresca
Tomando um old fashioned
A Lua já de saída é avisada
"Cuidado pois o Sol chegou"
Ela que de boba nada tinha



Novamente se animou
Os planetas cochichavam
"O grande evento da festa será agora"
Quando olharam
Os dois se beijavam
Que tal?
Um eclipse solar

Jorge Alberto Chabu Guberman

Estudante de Psicologia

Discente do 6o período de Psicologia, Fluminense de coração, pai de Rafael e Tiago - meus "tudos" - engenheiro civil, com pós em Análise Estrutural e também chamado com carinho de "Bebeto".

Poema: Fui, Sou e Serei

O dilema, coerência, ambivalência e solução entre os três: o Fui, o Sou e o Serei.

Fui, Sou e Serei

Fui, Sou Serei - eis os próximos distantes.

Fui é sofrimento e às vezes gratidão.

O Sou é certeza duvidosa buscando validação.

Serei é angústia, mas às vezes motivação.

Fui, Sou e Serei são três que não são um – Ah, quem dera fossem muitos!

Sou é encarnado do Fui

E o Serei a sua, mas ávida projeção

Portanto, Sou nunca é.

Ao Sou, lhe falta personalidade forte

Aquela que diz: “- E daí”?

Que diz ainda: “- Se sou o que fui ou serei o que serei...”

“- Bem, isso é problema meu!”

Àquele que disse: “Sou o que Sou” este sim é um.

Alinhado entre o Fui e o Serei, este sim é um.

Este é o ápice de quem se É alinhado pelos três.

Mas pra nós - Fui, Sou e Serei - continuam próximos distantes.

Que angústia de não ser quem Sou

E a angústia de ser justamente quem Sou

Quem pode curar-se a ponto de dizer: Sou três!

Ou quem pode curar-se a ponto de dizer: Sou Um!

O que melhor seria se estes próximos ficassem cada vez menos distantes?
O que melhor seria, se o Fui não criasse tantos problemas?
O que melhor seria, se o Serei não criasse tantas dúvidas?
O que melhor seria, se o Sou fosse um equilibrista?
Ora, ora, o Fui sempre criando problemas
Alguém avise a ele a ser mais otimista!
O Serei sempre em confusão
Alguém avise a ele a ser menos fanfarrão!
O Fui tem seu lado bom, traz boa recordação
O Sou também tem o seu, mas quando é sem complicação
O Serei tem seu lado bom, inventou os sonhos
Todos têm seu lado bom, todos quando são o que são.
Mas por favor, alguém avise a eles pra pararem de brigar!
A culpa é do Fui, a culpa é do Sou, a culpa é do Serei.
Por favor, alguém pode começar a perdoar?
Alguém avise a eles pra pararem de brigar!
Quem é mais complicado: o Sou, o Fui ou o Serei?
Ora, o Fui é muitas vezes desrespeitoso
O serei, um tremendo ansioso
E o Sou... o grande vencedor, pena que dizem dele quem criou os outros dois!

Júlio César Machado Zeferino

Estudante de Medicina

Júlio César Machado Zeferino é mineiro, poeta, amante da simplicidade, dos versos e dos abraços. Em movimento, é estudante de Medicina pelo Unifeso e entusiasta das palavras, da educação popular, da saúde pública, da oralidade e da memória, buscando sempre conectar suas vivências ao fazer poético. Como poeta, escreve para curar das ilhas perdidas em seu próprio oceano.

Poemas: Das Granjas, a Guarani; Ipê; Bagunça; Decompor em outras cores; Despedida

O primeiro poema, "Das Granjas, a Guarani", é uma homenagem à cidade de Teresópolis, levando em consideração tanto os aspectos históricos, como também ambientais, socioculturais e pontos turísticos, ressaltando a importância da memória para a construção da identidade de um local. Já o segundo poema, "ipê", contempla uma mistura de sensações em relação ao término de um amor durante a primavera, época que tem a planta ipê como marco colorido de vivacidade. "ipê", portanto, é parte de uma mistura de sensações atreladas a analogia do fim da primavera com a solidão do fim de um relacionamento amoroso.

Das Granjas, a Guarani

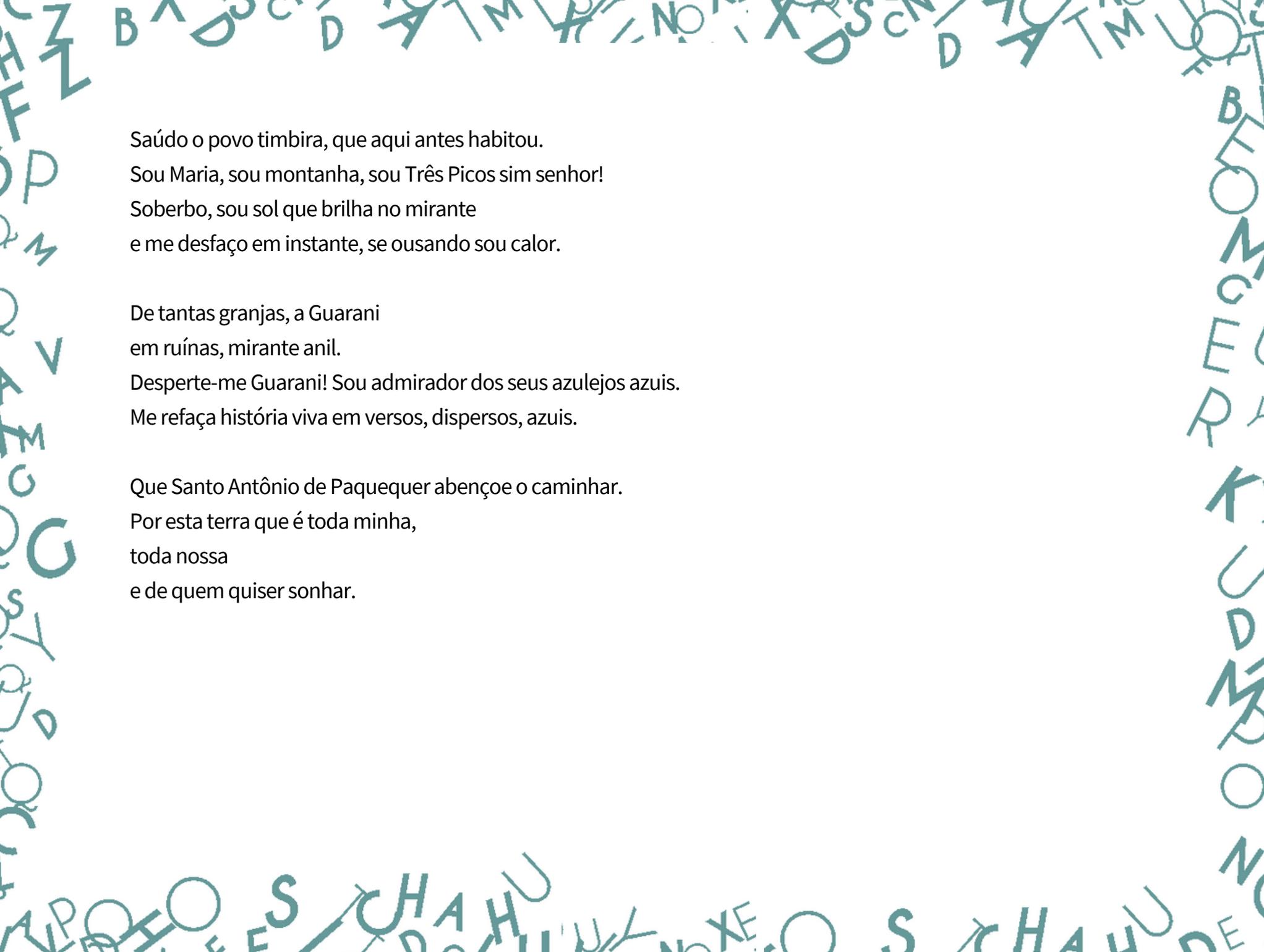
Ah, Teresópolis!

Tuas fontes e morros encantam,
e os pássaros no PARNASO cantam,
a melodia sincera do teu luar.

Ah, em tuas terras me encontro,
ao reconhecer que sou conto, arte e poesia.
E rima, menina, rima...
ao rodar uma nova dança pra sinhá Teresa Cristina.

Nossa serra é dos Órgãos,
renova a força juvenil.
Entre as fontes, sou Judith,
a jorrar pelo Brasil.

Cante logo um novo samba,
ao sonhar com o porvir.
Deixe-me ser poesia!
Deixe-me dançar como as águas [dia e noite, noite e dia].



Saúdo o povo timbira, que aqui antes habitou.
Sou Maria, sou montanha, sou Três Picos sim senhor!
Soberbo, sou sol que brilha no mirante
e me desfaço em instante, se ousando sou calor.

De tantas granjas, a Guarani
em ruínas, mirante anil.
Desperte-me Guarani! Sou admirador dos seus azulejos azuis.
Me refaça história viva em versos, dispersos, azuis.

Que Santo Antônio de Paquequer abençoe o caminhar.
Por esta terra que é toda minha,
toda nossa
e de quem quiser sonhar.

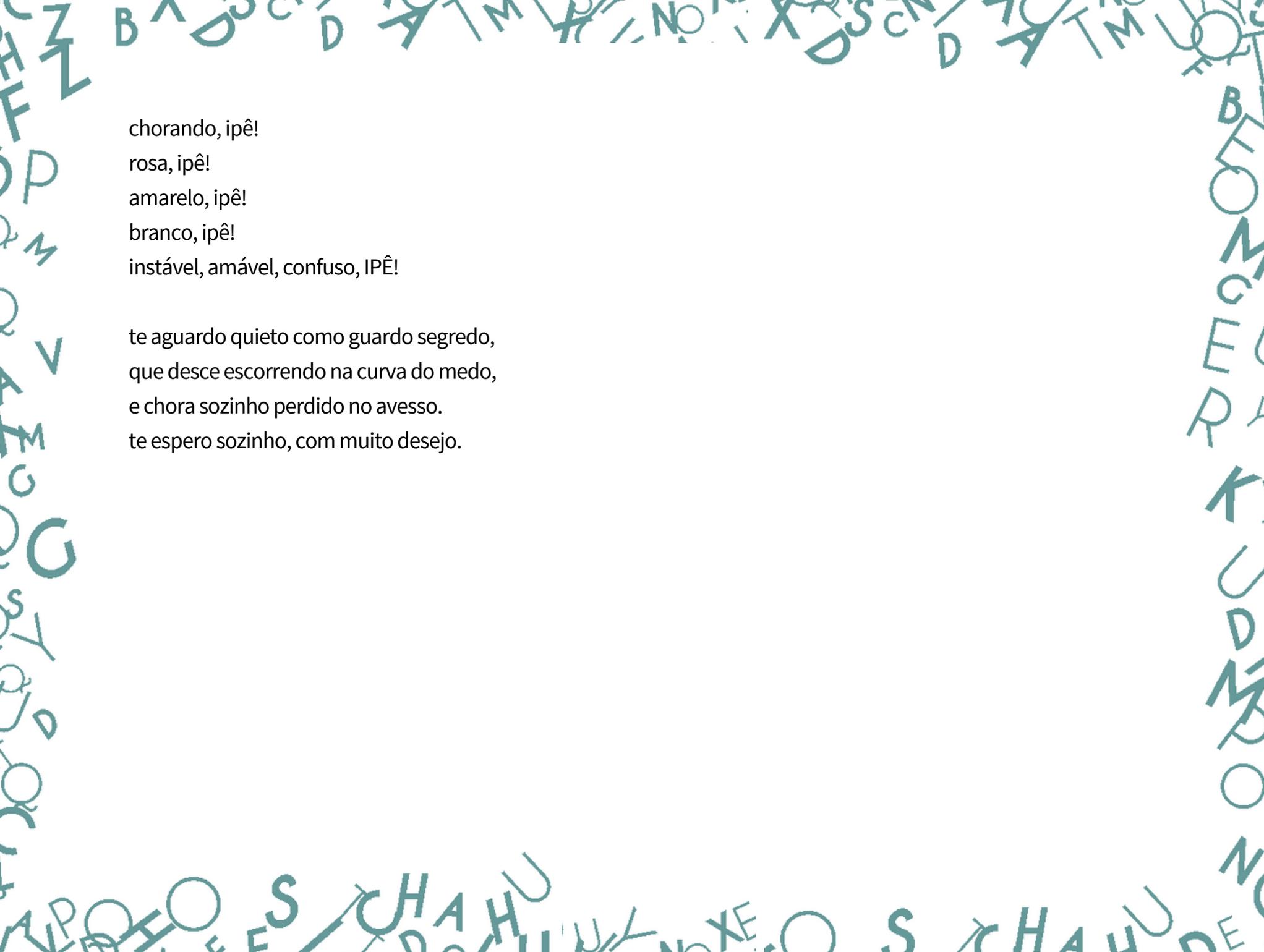
ipê

querido ipê,
que de julho a setembro floresce pelos campos,
lembrando os cegos homens,
que vivo estava o ano inteiro.

intenso ipê,
de cor em cor me faz arco íris,
aquece-me com seu solar amarelo,
e transborda-me por sua intensa e poética distopia.

que lástima, ipê
sinto tantas coisas ao te observar...
e você sabe porquê...
a primavera passada nos junta e nos afasta.

instável, ipê!
espero ansioso o murchar de suas flores,
para juntos dançar a ascensão da solidão.
espero inquieto o secar dos seus galhos,
para admirar-te quando não tiver atenção.



chorando, ipê!
rosa, ipê!
amarelo, ipê!
branco, ipê!
instável, amável, confuso, IPÊ!

te aguardo quieto como guardo segredo,
que desce escorrendo na curva do medo,
e chora sozinho perdido no avesso.
te espero sozinho, com muito desejo.

Bagunça

de ipê em ipê
eu me construo,
me quebro,
me laço,
descalço, me calço
me busco e encontro.

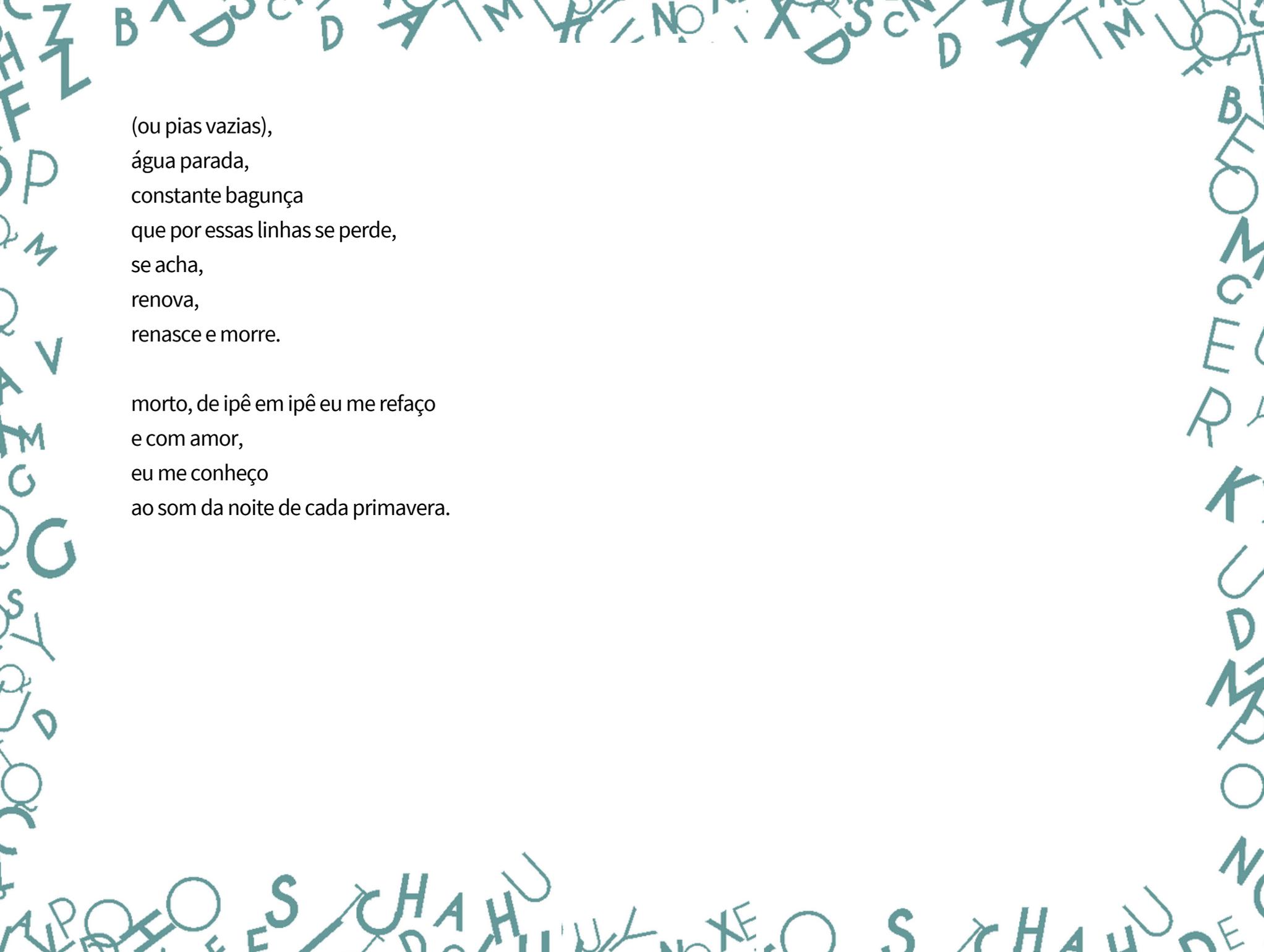
morro,
renasço,
me faço,
me perco,
me conheço, desconheço
em tropeço, esqueço.

de ipê em ipê
eu sou cores,
prazeres;
intenso lamento
em busca de preenchimentos incompreensíveis.

eu balanço,
me lanço,
me laço
me perco,
me calço,
(des)calço.

de ipê em ipê,
experimento o novo eu
e disfarço a dor...
mas sinto constantemente que não me conheço.

novamente, de ipê em ipê
eu sou flores e cores,
arco-íris,
sombra,
cansaço,
nascimento,
luto,
muro,
sol e utopias



(ou pias vazias),
água parada,
constante bagunça
que por essas linhas se perde,
se acha,
renova,
renasce e morre.

morto, de ipê em ipê eu me refaço
e com amor,
eu me conheço
ao som da noite de cada primavera.

Decompor em outras cores

Hoje repouso no colo mais duro do mundo
insano,
intenso,
largado,
profundo.

Em cada braço,
abraço.

Viajo entre os sonhos mais intensos de uma mente cansada,
decomposta, mas cheia de sonhos.

Amanhã repousarei no colo mais macio do mundo.

Dócil, perdido, calmo, amigo...

Em movimentos de vida, eu diria.

Ontem repousei no colo mais suado do mundo.

E sobre ele vi lutas, lágrimas, sonhos e esperança.

A cada abraço,

eu via girar a flor mais viva

e viajei, incrédulo, em suas cores.

Para sempre repouso na calçada mais fria do mundo.
Lamenta, poeta, eu deixo.
E de abraço em abraço se veja perdido na ternura,
loucura, bravura, bagunça...lamenta!

Anteontem vi de longe nascer, acredite:
o girassol mais lindo do mundo!
e girava, girava, girava...

Em sonho, vi murchar todos os desejos do mundo,
e hoje repouso no texto mais confuso do dia,
que bravo se escorre de uma mente cansada.
E em outras cores, decompouho sonhos.

Despedida

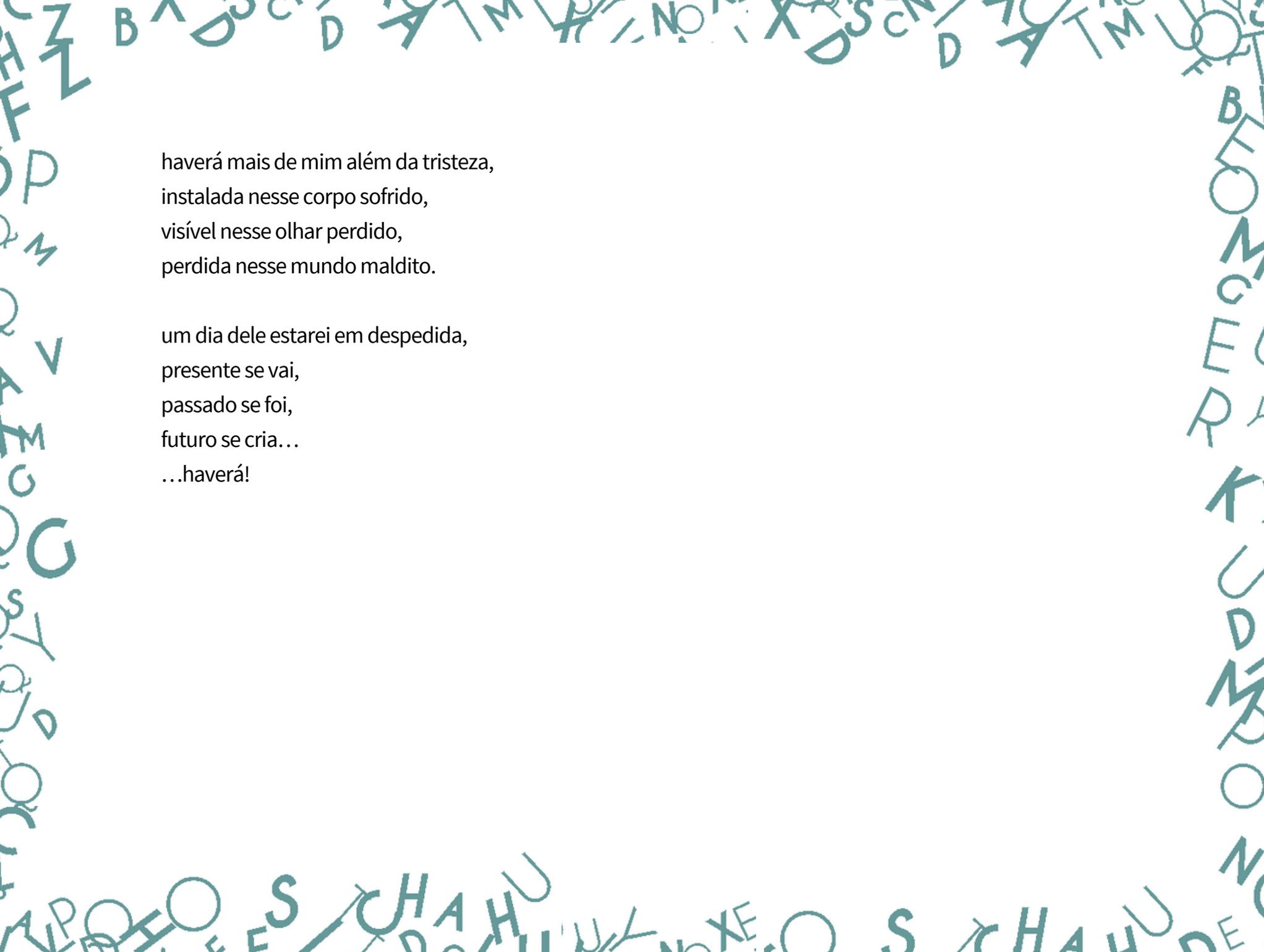
haverá mais de mim além da carne,
das falas,
dos gestos,
das fotos,
das lágrimas,
e dos sorrisos.

haverá mais de mim além das nuvens,
dos ventos,
das águas,
dos troncos,
do sol,
de nós.

haverá mais de mim
em cada um e cada uma,
cada afeto
e cada abraço.

haverá mais do meu ser em cada memória,
porque sem ela,
eu não seria nada.

haverá mais de mim nesta despedida
em construção,
que mesmo sem rumo,
se reconstrói,
se cria.



haverá mais de mim além da tristeza,
instalada nesse corpo sofrido,
visível nesse olhar perdido,
perdida nesse mundo maldito.

um dia dele estarei em despedida,
presente se vai,
passado se foi,
futuro se cria...
...haverá!

Larissa Siqueira de Oliveira Alves

Estudante de Psicologia

Me chamo Larissa Siqueira, tenho 22 anos, nascida na cidade de Teresópolis e sou estudante do 3º período de Psicologia pelo UNIFESO. Me descobri poeta há menos de um ano e meio, podendo ser uma alma movida e encontrada nas junções dos descritos de Fernando Pessoa e Clarice Lispector, que são como uma porta de entrada para sentirmos que as nossas palavras e pensamentos podem se tornar ouvidas e, principalmente, escritas! No decorrer dos aprofundamentos do entendimento das formulações da escrita, pude constatar a falta da representatividade do campo poético da população negra, com isso, tenho certeza que as minhas palavras sejam um ato de resistência. Pois, amamos, sentimos a dor do sofrimento, sorrimos e sabemos escrever para além do nosso corpo.

Poemas: Clarice; Lembranças de Rebeca; O meio de viver

A primeira obra: foi descrita numa aula psicanalítica, onde eu estava sentada e comecei a escrevê-la, com a intensidade de pensamentos sobre a entrevista e vida de Clarice Lispector seria, minhas perguntas existências que quando somos jovens, nos questionamos de como os nossos antepassados conseguiram!? E, de como, tudo que pedimos hoje em dia, é o clamor de paz que pedimos.

A segunda obra: retrata a vida de Rebeca e a sua amiga Isabela, que possui uma narração de uma mulher de arrependimentos das escolhas e propósitos jogados na sua mesa quando eram crianças, no decorrer do tempo, percebem que casar não era o seu grande destino, mas não poderia ser diferente, naquela década de 30? Casaram tão jovens, que durante a suas jornadas de esposas só se viam pela janela, que era de frente. Isabela, essa foi a que mais sofreu.

Clarice

Eu sou como um raio,
Que atinge a superfície
Aonde, acho que farei diferença

Na esperança,
que algo mude com a minha chegada

Sonhava em ter uma vida
E, hoje, carrego uma escuridão que invade
Como uma reencarnação que tenta o melhor
E, novamente, fracassa

Me deparo com Clarice, naquele poema
Que escreveu pra Fernando,
Descrevendo que não se sentia bem e
Nem disposta para alguns instantes

Principalmente, naquele mês que iria chegar
E, sentia, que tudo seria um abismo no seu pulsar
Acho que, me deparei no tempo e sinto o mesmo
O mesmo, de que tudo irá se acabar

Como se...alguém estivesse segurando uma vela na palma das mãos

E, de repente,
ela irá se apagar!

Será que ela faria diferente, ou, de novo iria se afundar?

Escrevo e me identifico com a sua metáfora sobre a vida
E, como é difícil segurar-se em cordas bambas para se manter vivo
Enquanto, tento desfazer a distorção de terceiros mal resolvidos

Queria eu, nesse século em que estou
Contradizer essa grande poetisa
Mas, sabemos que é impossível!

Queria eu, não ter me afogado em vários rios dentro de mim
Porém, sabemos que jovens se jogam no duvidoso,
para encontrar o seu caminho
E, como encontrei espinhos

Tentei me jogar de um precipício
Porém, na cidade não obtinha uma praia escondida
E me afoguei na alma deles, e, assim, fui expulsa do paraíso

Se Clarice tivesse se reencarnado
Realmente, ela teria se arrependido!
Pois, naquele poema sobre o futuro
É o mesmo que pedimos para os nossos filhos
Como seria isso?
Ela se questionaria e, escreveria mais ainda

Sem sombras de dúvidas,
Tenho críticas e romantismo
Mas, não tenho o mesmo palco
e poder que as palavras dela davam vidas

É, como Lispector tinha medo!
Esse medo?
Eu tenho mais ainda...
É de como as suas palavras soariam
e a utilizariam hoje em dia

Lembranças de Rebeca

Isabela,

Sabia que não podia sair daquela janela

Já fazia, tanto, tempo que não conversamos

E, toda vez, a via

Era como se existisse uma onda de um mar a puxando pelas costas

Quando éramos jovens,

Lembro-me, quando parávamos em frente a cabeceira

E nos olhávamos no espelho

Fazendo promessas para nos casar,

Com um amor verdadeiro, que pudesse ficar

Tudo se fez tão rápido,

Que os anos se passaram

Que no último jantar que tivemos,

O brilho do seu rosto, já não era mesmo

De quando, desejávamos ser feliz a vida inteira

E, toda vez, a vejo naquela janela
Se faz uma impressão de uma esperança perdida
E, ao mesmo tempo, com o destino preso na ponta dos seus pés

Nunca pensei, que o sonho pudesse se tornar um pesadelo
Estava numa correria!
Porque terceiros me jogavam pra fora das suas vidas

Me perguntava, o tempo todo,
Como a minha alma estava se afogando e, ao mesmo tempo,
Obtinha o meu corpo em chamas?

Sentia que iria partir, a qualquer momento, dessa cidade
Me pergunto, se pensava o mesmo?

Porque, as dores eram como areias fazendo feridas
Sentia que nunca iria conseguir me desafogar dessa água,
Que a todo custo queria me levar
Sem que, jamais, pudesse ouvir as batidas do meu coração

Jovens, obtém costumes de não olhar para os lados
E, acho, que é por isso
que segurei a minha vida pela única ponte que ficou intacta
No mais profundo, de todo, conhecimento
Olhava, Isabella dali
E, via, como esquecemos das nossas exigências,
Planejando os últimos românticos

Construímos o caminho num pedaço de papel e guardamos em um porta joias,
Como se alguém, especial, pudesse realizar o nosso desejo
Quando atingíssemos a maturidade de sermos perfeitas

Faz, tanto, tempo que fechei aquele sepultura
Com o seu nome descrito e, vinha ao meu pensamento
Que poderíamos ter lutado contra os leões

Sei, que já passou vários verões
E, possuo rugas para dar e vender
Mas, me perdoe por não saber correr de uma chama,
Que invadia aquela casa caindo aos pedaços

Onde, tentava apagar a tristeza dos quartos, em que ele me colocava
Agora, já se criaram telefones celulares
As coisas mudaram!
Mas lembro-me, exatamente,
dos seus olhos em direção a minha sacada

O meio de viver

O único meio que pretendo viver
Parei um loucura que nunca se permitiu escolher
Me prendo nos anseios da existência
E, pareci que vou morrer!

Sentir é algo tão complexo,
Que em nenhum momento
deixo de questionar os meus próprios sentimentos

Sentimentos esses,
Que acho que é passageiro e ficam pra sempre
Já os outros, que acho que duraram a vida inteira...
São resíduos de meses

Às vezes, me sinto preparada
E, no final sinto-me cansada!
Será que é somente eu
Ou a juventude vive, assim, acostumada?
São questionamentos sem fim!
Pergunto-me, se tudo irá se resolver
Com um simples olhar por cima de mim
E, logo, me deparo com as porradas no início do amanhecer

O único meio de viver?
É sentir, é polir as cicatrizes
Para que você nunca esqueça que a dor lhe trouxe até aqui
Porque os que te machucam, nunca vão te socorrer

Sei que posso estar falando bobagens
Mas, quem ficou sã escrevendo suas dores em viagens?

A loucura me trouxe no ponto baixo
E as palavras, Essas sim!
Me tornam verdades

Lucas de Andrade Ribeiro Fontes

Estudante de Psicologia

Poemas: Cântico de Alma; Rabiscos; Conto lúdico; Frestas e janelas; Um sonho em vão

Em "Cântico de Alma", procuro explorar a uma compreensão de um profundo sentimento, a experiência do mesmo navegando pelas emoções intensas de amar e enfrentar desafios. Tento criar uma paisagem amorosa e poética com o mar, o luar, as manhãs e o viés urbano. A figura da minha amada é pintada como um cântico de alma, capaz de trazer calma, amor e paz, resistindo ao sofrimento e mantendo a luz nos olhares. Retrato a mim mesmo, quando estava apaixonado, como um lugar sagrado onde o amor persiste eternamente. Por sua vez, em "Rabiscos", evoco a ideia de um relacionamento representado por um rascunho que, ao longo do tempo, perde a sua realidade. Ao confessar que nenhum livro conseguirá superar o que foi escrito por nós dois, explico meu estado passado, em nosso término, uma nostalgia profunda e irreparável em relação ao passado do meu relacionamento. O que fora, para mim, devastador e naquele momento, insuportavelmente "eterno".

Em "Conto Lúdico" capturo a essência de um relacionamento, descrevendo a jornada única e os sentimentos que se entrelaçam ao longo dela. Falo sobre a complexidade dos momentos compartilhados, os silêncios que carregam significados, as emoções que persistem mesmo quando as páginas dessa história parecem desaparecer. Há uma nostalgia delicada nas palavras, um olhar para o passado que ainda ressoa. E, mesmo com o desfecho atual, há uma esperança sutil, a sugestão de uma possibilidade futura, um convite para explorar novamente o que foi perdido. Evoco um convite poético para explorar as complexidades e a beleza dos relacionamentos humanos, com suas nuances e camadas emocionais, para refletir sobre a profundidade das conexões humanas e a beleza das segundas chances.

Em meu poema "Frestas e Janelas", exploro a profundidade das histórias presentes nos cantos menos óbvios da vida urbana, procurando refletir sobre a essência das frestas e janelas, vendo nelas muito mais do que simples espaços vazios. As frestas escondem histórias, enquanto as janelas representam aspirações e sonhos. A paisagem urbana é permeada por lembranças marcantes e um sentimento de desespero, as "luzes dos postes" guiam como faróis, apesar de conduzirem a um naufrágio metafórico. Há uma dualidade entre grandes cidades e pequenas construções, destacando a importância das janelas como molduras para um mundo cheio de possibilidades e ternura. O reflexo do horizonte nas janelas é um sutil almejo, uma promessa de novos encontros e sonhos, uma fonte contínua de esperança. "Um sonho em vão" é uma expressão sincera e emotiva de um amor não correspondido, uma narrativa de anseios e decepções. O eu lírico revela a intensidade do sentimento, reconhecendo a realidade intransigente que impede a concretização desse amor. Apesar de desejar profundamente estar ao lado de sua amada, compreende que as circunstâncias não favorecem essa união. A poesia reflete a resignação diante da impossibilidade, destacando a dor de sonhar com algo que parece estar fora do alcance.

Cântico de alma

Sorte, a compreendi quando lhe conheci.

Ao regozijar os dias sob seu olhar,

Estando à deriva de seu amar.

Frente céu e terra quando seu mar se agitar.

Sob o gélido luar

Com ondas fortes a arrematar,

Sob serenos dias

E o sol a desabrochar.

Prometo-lhe minha vela e apenas nele desbravar.

A vida pulsante ganha forma nas ruas,

E na janela, a alma se desnuda, nua.

O amor é um presente, uma sinfonia,

Que preenche os corações de melodia.

O passado, as dores e receios

Serão histórias,

Não mais lhe causarão

medo.

Você é como um cântico de alma,

Que faz tudo se tornar mais calmo.

Seu sorriso é como um elo
Que nos envolve em amor e paz,
E nem mesmo o sofrimento é capaz
De apagar a luz que há em seu olhar.
Você mora na esquina da minha memória,
No mais profundo do meu olhar,
Em um lugar onde só os amantes vão,
E onde o amor nunca pode morrer em vão

Rabiscos

Em páginas em branco
esculpimos um sonho,
com livros prontos
amassamos os encantos.
Do rascunho ao ponto final, nossa história
deixou de ser real.
Longas as noites,
Sem sentido os dias,
um certo desespero,
enquanto desfazemos afagos, afinal.
Dos cantos do luar
Aos suspiros diurnos,
me entrelaço nesta vida sem rumo, esforço-me
para esquecer nossos rabiscos juntos.
Confesso, nenhum livro irá superar o que por nós dois foi escrito

Conto Lúdico

Nas entrelinhas do destino,
traçamos um caminho único,
nas bordas de cada momento,
escrevemos um conto lúdico.

Das palavras não ditas,
às linhas que se perderam,
nossa história ganhou vida,
mas agora, desvaneceram.

Em páginas em branco,
ainda ecoa nossa canção,
nas margens dos dias passados,
persiste nossa emoção.

Do rascunho ao ponto final,
um enredo se desfez,
deixando na penumbra,
o que um dia foi nossa vez.

À luz das memórias,
e ao calor dos abraços,
me afundo na saudade,
dos nossos antigos traços.

Confesso, nenhum livro,
poderá recontar,
o enigma que éramos juntos,
no mundo do nosso olhar.

Quem sabe, um dia
tentemos outra vez

Frestas e janelas

Em cada fresta há uma história,
em cada janela, uma vida almejada.
Frente à cidade, lembranças marcadas.
Permeio ruas em desespero,
às luzes de cada poste
guiam-me ao naufrágio,
estes faróis, que de bom grado,
assolam os navios que por estes perpassam.

Grandes cidades e pequenas construções,
edificantes janelas e seus míseros espaços ocupados.
A janela, ainda que vazia, é uma moldura,
Para um mundo além, cheio de ternura.
No reflexo do vidro, vislumbra-se o horizonte,
Onde novos encontros e sonhos podem surgir, afonte

Um sonho em vão

Preciso tanto desse amor, não nego,
Te amo tão intensamente, não entrego,
Mas sei que não tenho nenhuma oportunidade,
De estar ao teu lado, é uma realidade.

Pensei que enfim havia te encontrado,
Mas outros amores te têm cercado,
E não há ilusão, somente a verdade,
Que não tenho chance, na realidade.

Se por acaso te entregasses a esse sentimento,
Por um beijo terno, um momento,
Talvez descobrisses que era eu, sim,
O amante certo para ti, enfim.

Mas para que sonhar se é em vão?
Sei que é um devaneio, essa paixão,
Pois não tenho a mínima chance, entendo,
De estar contigo, é um sonho que suspendo

Lucas Soares Brasil

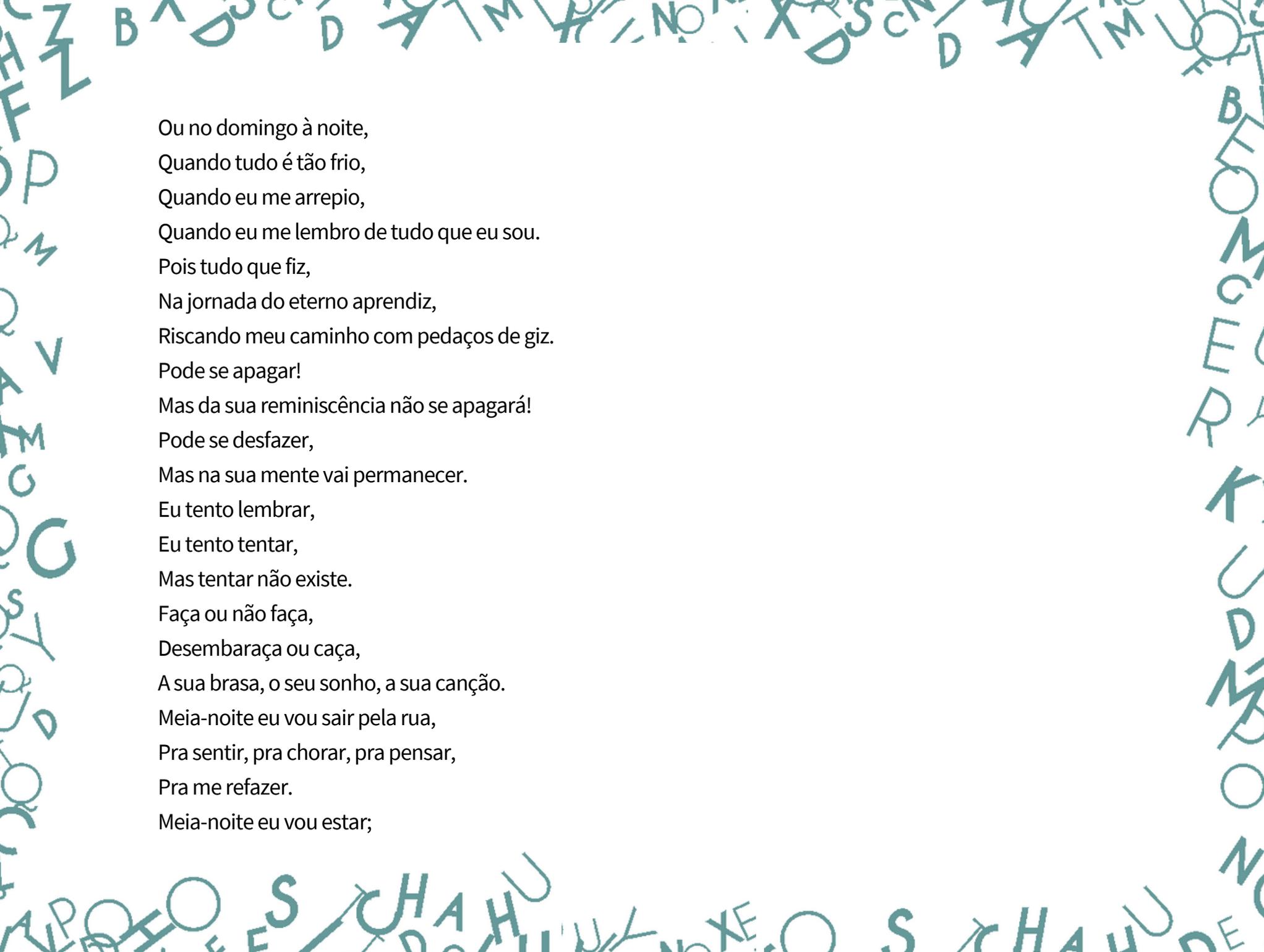
Funcionário técnico-administrativo

Poemas: Faça ou não faça; Um dia; Na tua janela, em silêncio; Um mundo de erros

Um poema sobre a efemeridade da vida e todas as nuances que ela pode ter. Em um minuto, maravilhosa melodia, depois, a crise existencial, mas que pode trazer crescimento. É a jornada de um jovem tornando-se aprendiz eterno da vida e o seu próprio caminho. É na obscuridade que encontramos a luz, o conhecimento.

Faça ou não faça

Quando você vê, tá longe;
Como se estivesse perdido,
Buscando o horizonte inimaginável da perfeição imperfeita da vida.
Que é tão fugaz, que é tão veloz...
Que é frágil; mas cheia de nós!
Volto meus olhos para dentro,
E mergulho minha visão desnorreada no oceano que sou.
Conheço novos lugares,
Não volto naquilo que me machucou.
Pois a existência é feita de lembrança,
A vida é feita de esperança.
Matéria que pode ser um mar de rosas,
Ou um fogo que te queima por dentro.
Você decide, você vive;
Você tenta... Ou lamenta!
Melodia, harmonia,
Horizonte que vai e que volta sem dó.
Como lembranças, passa a esperança,
Não há nada ao seu redor.
Oh! Poesia que me abraça à meia-noite de uma terça-feira,



Ou no domingo à noite,
Quando tudo é tão frio,
Quando eu me arrepio,
Quando eu me lembro de tudo que eu sou.
Pois tudo que fiz,
Na jornada do eterno aprendiz,
Riscando meu caminho com pedaços de giz.
Pode se apagar!
Mas da sua reminiscência não se apagará!
Pode se desfazer,
Mas na sua mente vai permanecer.
Eu tento lembrar,
Eu tento tentar,
Mas tentar não existe.
Faça ou não faça,
Desembaraça ou caça,
A sua brasa, o seu sonho, a sua canção.
Meia-noite eu vou sair pela rua,
Pra sentir, pra chorar, pra pensar,
Pra me refazer.
Meia-noite eu vou estar;

Ou sonhando acordado a esperar,
O meu novo eu; que vai me ensinar,
Que vai me guiar,
E então; transcender.
Eu tenho consciência que a jovialidade não permanece,
O tempo cruel nos corrói em tudo aquilo que materializa a nossa capa,
As experiências nos perfuram como espada rara de um pirata!
Mas a juventude; esta sim, permanece.
Como um jovem segue o seu caminho,
Até se tornar (o caminho).
Até se tornar (o discípulo eterno).
Até tornar-se.
E então, ele faz.

Um dia

A lâmpada se apaga,

O copo quebra.

A luz se dissipa,

E o homem, já era.

Um dia;

Os olhos se fecham,

A boca não diz,

A noite engole,

E os céus pegam fogo!

Um dia;

A porta se fecha,

As terras se movem,

Uma estrela se vai.

E eu?

Um dia,

Um dia, tudo que era não vai mais ser,

E outra coisa será;

No lugar daquilo que seria.

De repente,

Mas não rapidamente,

Tudo muda de lugar,
O passado dá lugar ao futuro,
Mesmo que o tempo seja uma ilusão.
Um dia,
Um dia,
Tudo que foi,
Não mais será,
E o poeta que vos escreve,
Apenas nas linhas deste poema estará

Na tua janela, em silêncio

Pode ser que eu não tenha ousadia suficiente.
É possível que os protocolos sociais sejam mais fortes e decisivos sobre minhas ações,
Tornando-me um tanto desistente das mais rebeldes atitudes.
Por acaso eu usaria o amor como desculpa para desafiar o que todos consideram aceitável?
Iria me rebelar e gritar com todos para provar que amo você e que faria tudo para te ver outra vez?
Eu não sei.

Digito silenciosamente sem muitas ideias ou certezas que possa pôr aqui.
Afinal, o que é escrito, é afirmado.
É um "sim", um "sei",
Uma clara distinção do que é.

Mas peço,
Sem compaixão ou desculpas,
Que me espere.

Na hora em que todos dormem,
Em que os escritores escrevem suas ilusões e os apaixonados perdem o sono,
Que estejas ao lado da tua fria janela,
Me esperando e respirando sobre o vidro.

Quero ver o suor da tua respiração assim que o ar da noite encher meus pulmões
E eu estiver escalando a árvore que dá para o seu quarto,
No segundo andar da casa onde moras.
Identificarei ali a tua assinatura, o teu lamento,
A tua saudade escorrendo pelo vidro.
Pode ser que nada dê certo.
Que isso tudo fique apenas na tua imaginação e minha silhueta nunca te surpreenda de madrugada.
Mas sonhar já me faz perder o ar por alguns segundos.
Segundos valiosos, em que a vida pulou, o coração bambeou
E a instabilidade de se estar vivo circulou como adrenalina pela veia.

Se esperas que o amor não traga confusão,

Esperas errado.

Tudo o que é grande e incompreensível será demais para a tua pequena existência.

Para a nossa pequena existência.

Um mundo de erros

Sim, assim está bom.

Melhorou, corta, coloca.

Uma palavra menos rebuscada...

Quem sabe se eu tirar esse advérbio?

Algumas trocas na base, nada fora do comum.

O comum me agrada.

Ah, por mais que eu tente, vai ser impossível.

Sobre o que eu falaria?

Mais divagações?

Sentidos, existências?

Para onde vamos, como nós vamos?

E por quê? Se é que vamos mesmo.

Escreveria sobre a vida, destino, escolha e sabedoria?

Se pelo menos existisse um aparelho que transcrevesse a sensação côncava que irradia no meu coração...

E que mania é essa de colocar o coração como órgão do amor?

Sim, é lá que dói.

Positivo, lá que parece vazio, mas...

Que mundo de erros é esse?

Que clichê, que igual, que imitação!

Eu sinto, OK?

Sinto mais que muitos e menos que outros.

Somos todos organismos complexos e diversos,

Cheios de falhas e de coisas boas.

Por que desperdiçamos tanto as coisas boas,

Colocando o pior que existe em nós para fora?

As nossas sombras saem, mas não é esse o problema.

O problema é a falta de consciência que temos sobre elas.

Por que insistimos em não amar, quando é a única coisa que podemos fazer bem?

Quando é a única coisa que pode nos salvar de ser apenas matéria, vaidade e passageiros nesse mundo!

O amor é o mais forte,

É o que devia predominar,

É o que devia emergir de nós a todo instante.

Fluxo, poder, não haveria limites.

Luiz Gabriel Oliveira Araujo
Estudante de Engenharia Civil

Residente em São José do Vale do Rio Preto. Possui uma vida simples, gostando de refletir sobre as coisas bobas do dia a dia, tal como as complexas. Ser sociável não é seu maior dom, preferindo muitas vezes estar no seu próprio mundo, encarando os desafios da vida de forma menos burocrática e mais agradável. Também possui traços competitivos, buscando sempre a evolução em suas atividades diárias, se desafiando em diferentes áreas, como no campo da poesia, onde nasce a presente, "Chuva de Rosas", fruto da reflexão sobre os momentos vivenciados (ou não) até então, em 2023.

Poema: Chuva de Rosas

Pensamentos melancólicos daquele que observa um fim de ciclo que se aproxima, ao mesmo tempo que reflete sobre suas decisões e falta de atitude.

Chuva de Rosas

Não existe mais luz, o radiante brilho da estrela
que iluminava minha noite já está indo embora.
Em seu lugar, chegam as frias chuvas;
e a única que me confortaria
seria uma serena chuva de rosas.

E assim, bate na porta; lá está ele,
o ardor amargo inevitável do arrependimento.
E está dizendo: "Todas as suas memórias vazias
que nunca foram vivenciadas com ela.
Esse é meu pagamento."

E se eu não falei, não lutei,
não tentei, nem sequer agi...
Me resta apenas a escrita de versos tortos e falhos,
de meus últimos sentimentos antes de perder a ti.
Enquanto isso, reflito.
Existe lógica em perder, se nunca foi conquistado?
Concluo que pouco muda,
afinal, na equação sentimental,
variáveis não alteram o resultado.



E nesta solidão amarga,
o gatilho é simples, uma palavra,
só bastam três sílabas e sete letras;
o suficiente para perfurar minha alma.

E se uma fantasiosa reviravolta,
nos versos que precedem o fim,
era o que por todos se esperava.
Lamento dizer, mas eu... eu perdi...

Maiara dos Santos da Silva
Estudante de Medicina

Poemas: Queremos voz; Saudade

"Queremos voz" é um poema que fala sobre os enfrentamentos que a população negra vive, relacionando o presente como reflexo do passado e da herança escravocrata. "Queremos voz" representa a luta desse povo por seu lugar de fala.

"Saudade" é um poema que fala das perdas que nos deparamos ao longo da vida, das pessoas que não veremos mais e como isso muda quem nos tornamos.

Queremos Voz

O tinir de ferro e instalar de açoite

Como dizia Castro Alves es a herança do que herdei

Como pode um tingimento no tecido gerar vislumbre

Mas o da pele um olhar rude

E lá vem você dizer que es mimimi

Mais antes da sua fala apelativa num discurso de meritocracia

Es de lhe impedir, cansei de pessoas falarem por mim

Nesse momento represento vozes

Não apenas dos que vieram antes de mim, já conhecidos

Mas dos esquecidos, açoitados que impediram que minha carne preta sentisse o rasgar do chicote

E lá vem você dizer que es mimimi

Mas não sabe como é ouvir desde sempre que pra ser alguém é preciso estudar

Mas Como filho de pobre

Estudar não te ausenta de trabalhar

Afinal o que dá para aprender com as vísceras a roncar

E lá vem você dizer que es mimimi

Mimimi pra você

Que faz parte de uma classe, uma cor que conclui ensino

Pra mim é nadar contra a maré, Já que faço parte dos 18% que tentam sobreviver nele

Alguns esquecidos devem perguntar e “Por que disso?”

Será que és mesmo minha função lembrar-te?

Que a Liberdade de um povo de pele preta veio acompanhada da ausência de dignidade

E lá vem você dizer que es mimimi

A ausência de trabalho, moradia, alimentação, saúde, educação

Os míopes dirão que já faz séculos

Os de boa visão questionaram

“A final está falando do século passado ou do atual?”

E lá vem você dizer que es mimimi

Na sua fala desdenhosa com as mãos no volante

Enquanto as minhas tentam em vão alcançar a barra do trem

Vejo uma multidão preta, pobre, periférica perambulando pelo pão

Na busca de uma nova direção

E lá vem você dizer que es mimimi

Pode ser pra você

Que não sabe como é ser o primeiro: a não engravidar na puberdade,

A terminar o ensino médio sem repetir

Tentar o vestibular até não ter mais lágrimas, nem tempo, nem acalento

E a porta que antes parecia esperança, agora parece de concreto

E lá vem você dizer que es mimimi

Ex de me responder se é mimimi

Percorrer um caminho que ninguém que tu conheces fez

Se é mimimi ser um cidadão às margens da sociedade que luta por uma profissão da elite

“Isso não é pra você”

Dizem os tolos

A sociedade nega nossa existência, para manter a nossa ausência de direitos, voz e a nossa invisibilidade

E lá vem você dizer que es mimimi

Sinto lhe informar, mas a porta da senzala foi derrubada

O navio negreiro já não há,

E o quarto de despejo resolveu ocupar o seu lugar de direito

E de destronar seu mimimi

E lá vem você dizer que es mimimi

Enfim, eu venho comunicar

Que Assim como outros antes de nós, lutaram pela Liberdade

E seu sangue foi derramado sem ilegalidade

Lutaremos e vamos ocupar todos os espaços que também são nossos por direito

Para que nosso sangue pare de ser derramado com pretexto

E não venha você dizer que és mi mi mi

O tempo de contar a história pela sua ótica acabou

Vamos narrar a história pelos nossos olhos porque agora o quarto despejo tem voz e ela foi, e é, paga por um alto preço

Saudade

Dizem os sábios que o tempo diminui a dor

Na verdade, acredito que a dor se mantém

A sua constância e permanência provoca uma ausência

A ausência de uma parte de si

Ausência de momentos vividos que jamais terão oportunidade de se repetir

Ausência de alguém que já não pode mais sorrir

E essa falta de um pedaço de nós é angustiante

Desesperadora

Dilacerante

A ponto de gerar uma inconstância permanente de nossas emoções

Não se engane, o tempo ajuda

Não a diminuir a dor, mas aceitá-la e aprender como viver na ausência do que era você

Nesse mundo de ninguém onde o tempo é corrido e capitalizado

Desaprendemos a reservar o nosso tempo com o que realmente importa

Na ilusão de que a vida é longa

Uma utopia, que cai por Terra, ao se perder o que de mais precioso se tem: o outro

E no meio dessa correria incessante o tempo para

E você se depara com seu ser outrora completo agora amputado de você

E como animais adaptáveis nos acostumamos a viver na nossa ausência de nós

com saudade do que éramos

Antes da ausência de sentir

Rhane Nelícia de Araujo da Rocha
Estudante de Psicologia

Poema: Beleza Negra

Poesia feita em prol de um trabalho sobre a Saúde Mental da População Negra, onde falávamos sobre a beleza dessa população. Junto a professora Cláudia Vaz.

Beleza Negra

Beleza não é algo que necessita ter o porquê

A beleza Negra está nos olhos de quem vê

Beleza não é algo para descrever

Beleza tem que ser tudo, menos algo para sobreviver

Se é que vale essa tal de beleza

O que é válido? O que 'tá no contrato?

Ou talvez quem esteja na realeza

Ou talvez quem esteja no asfalto

Viver não por ser, mas viver e ser

Ser e viver, crer que dá para ser

Ser quem sou e o que já fui antes

Ser o que a minha pele já viveu em instantes

E repito

A beleza Negra está nos olhos de quem vê

E intrigo

Você que vê, vê o quê?

Vandeilson da silva

Estudante de Psicologia, ator e dançarino. Pseudônimo: V. dEr

Poemas: Surpresa; É, foi e...; Bosque; Tudo

Em um encontro repentino de velhos conhecidos, o que pode acontecer? Reviravoltas que os tempos verbais trazem e se aplicam ao que chamamos Vida.

Surpresa

É incrível como certos encontros acontecem...

Hoje fui submetido a um deles, na verdade, um reencontro...

Uma antiga conhecida chegou,
assim,

sem alardes, sorrateira e calma,
debaixo dos raios de sol que entravam naquela varanda.

E quando dei por mim,
ela puxou uma cadeira, se sentou do meu lado,
me fitou os olhos da alma e como sempre,
parecia querer dizer mais do que meus lábios diriam...

Impávida e com uma força que eu admirava,
não havia sorrisos nela, apenas decisão e firmeza.

Firmeza que quisera eu tê-la...

Estávamos famintos. E ela, sempre de prontidão, pediu.

Ou melhor, decidiu por nós.

Era por vezes um embate contra suas imposições,
o que demandava tato para lidar,
até porque, como vamos magoar uma companheira de anos?

Aquela que surgiu quando você menos esperava?

Todavia, ela não era egoísta e possessiva,

e consentia nas concordâncias silenciosas. Minha? Dela.
Com isso, havia um ar de satisfação, um trunfo...
Quando nossos pedidos chegaram,
ela estava à vontade... E eu?
O que eu era ali?
Eu era cessão...
Cedi. Talvez pelo hábito, pelo conformismo
e até por respeito aos anos que tivemos. Eu não queria destrata-la.
Contudo, eu sabia o que viria...
A conversa que inesperadamente surgiu,
se prolongou da tarde até a noite,
e ela adorava.
Adorava encontrar um terreno fértil para discutir,
incurtir e confundir,
com uma habilidade formidável.
E entre xícaras, pratos e talheres,
os antigos sabores já experimentados:
pedaços de amargor com o inócuo da satisfação,
fatias de sombras acompanhadas de cinzas,
seguidas pelo o que poderia ser e nunca seria,

doses de inquietude, que juntos brindávamos,
acrescentando torrões de remorso e culpa
e um exacerbado pesar nas maçãs,
que ela nunca quis experimentar.
Quando percebi, era mais do mesmo...
Hoje deixarei isso se prolongar?

É, foi e ...

Que confusão!

Ouvir você me trouxe confusão,
trouxe o registro que há dias não me encontrava,
e me encantava não tê-lo.

Era a possibilidade de um retorno?

Foi.

O que foi, foi...

E por mais que suspeitar que esse desejo ainda suspire,
o respire traz à tona o que presente é.

É agora.

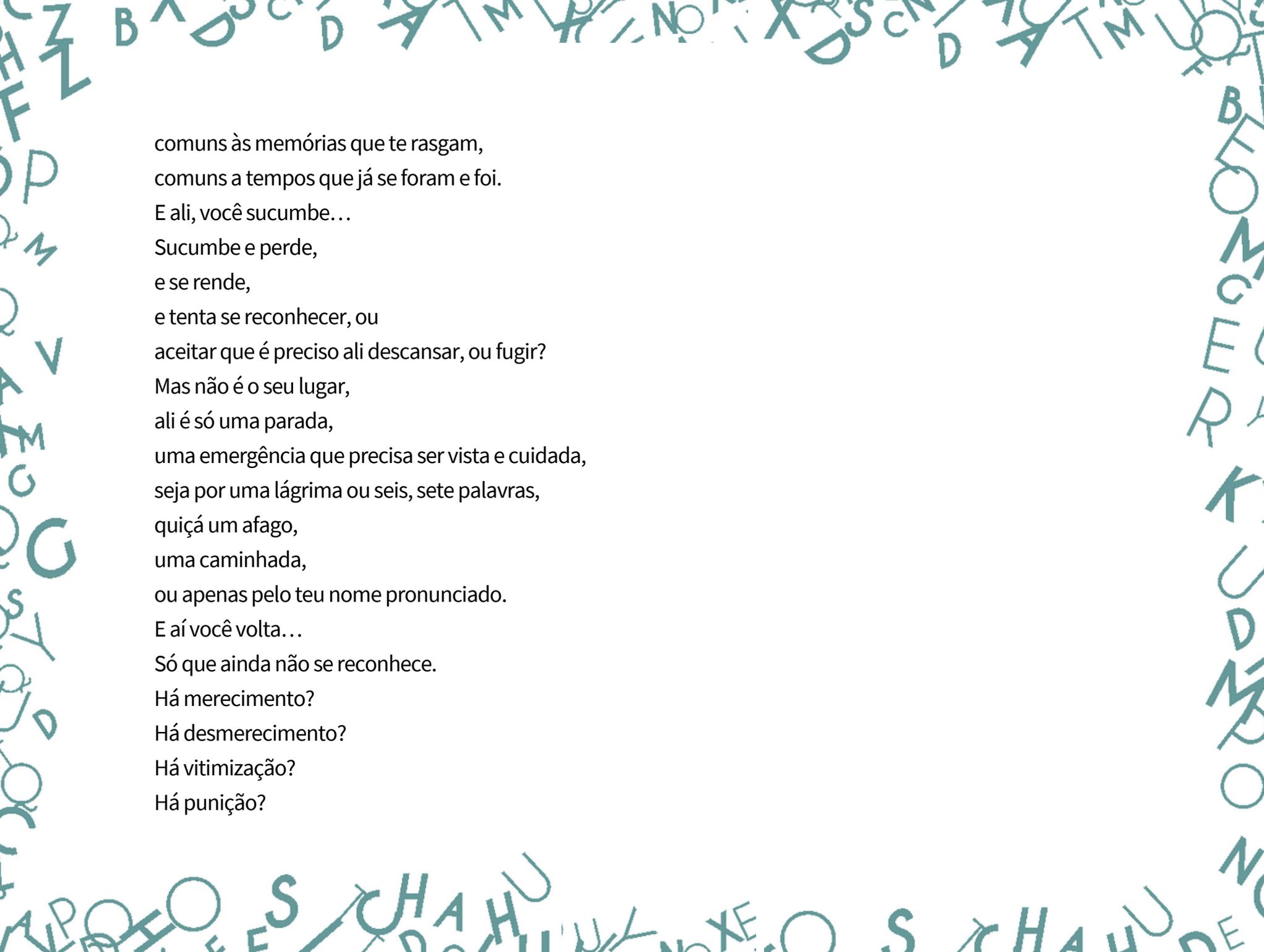
E nisso,

te abraça,

te toca os olhos,

órgãos, pele e ossos,

E esse toque alcança lugares comuns,



comuns às memórias que te rasgam,
comuns a tempos que já se foram e foi.
E ali, você sucumbe...
Sucumbe e perde,
e se rende,
e tenta se reconhecer, ou
aceitar que é preciso ali descansar, ou fugir?
Mas não é o seu lugar,
ali é só uma parada,
uma emergência que precisa ser vista e cuidada,
seja por uma lágrima ou seis, sete palavras,
quicá um afago,
uma caminhada,
ou apenas pelo teu nome pronunciado.
E aí você volta...
Só que ainda não se reconhece.
Há merecimento?
Há desmerecimento?
Há vitimização?
Há punição?

E por que você se pune tanto?

Chega!

Chega!

Chega mais perto,
permita.

Permita o riso,
permita sentir
e acima de tudo,
permita sair do que já foi,
pois foi.

E hoje,
só lhe resta o presente do subjuntivo.

Bosque

Eu sabia que precisava chegar,
só que onde eu chegava,
não era onde eu queria,
era mais do mesmo...

Mais da floresta que cresci nesses anos todos,
mais dos galhos e folhas e vento...

Não.

O vento era outro,
trazia um som distante,
de um mar,
de uma brisa que nunca soprou ali.

Era isso o que eu queria?

Se queria, como chegaria?

Se a cada farfalhar dos meus passos,
eu continuava ali,
rodeado do que eu já conhecia...

E por mais que meus olhos dissessem uma coisa,
a realidade não supria o que eu sentia,
ela não era o que eu vivia.

Tudo

Frio. Vazio. Fio.

Era um fio que eu via,
único, direto, convicto,
que ligava tudo,
início, meio e fim
e lá, um vazio,
e o que é vazio?

Nada

Era em comparação ao que já existiu,
como um ponto na imensidão,
e como aquilo poderia ser importante?

Ali habitava vida,
um fôlego diferente,
e como pode naquela simplicidade,
ainda ter isso tudo?

Tudo verde,
tantos azuis,
e quantas cores vivas...

Como ainda sou surpreendido?

Victória Lima Gaspar da Silva

Estudante de Psicologia

Apenas mais uma jovem fantasma vivendo aos tropeços. Aprendendo mais com erros do que com acertos, entre as demais 7,888 (+ e levemente - a cada instante) bilhões de pessoas, nesta terra em estado febril

Poemas: Cronos; Raízes; Réquiem aos esquecidos; Saturno tu; Anjo

Fragmentos meus.

Cronos

Há em mim a fúria dos titãs,
E o colapsar dos mais luminosos astros. Senhor do tempo, que dá e que tira
Os laços e enlaces da vida.
Como podes tu,
Oferecer tão gloriosa vida
E tomá-la para si
Nas mais variadas sinas?
Teus filhos, condenas
Como Sísifo,
A carregar o existir.
Vulneráveis,
Vis,
Absortos na rendição,
Clamo.
Ecoa a voz,
Que sibila esperançosa: Quando já não enxergarem mais,
Com o doce canto das musas E o soar de Orfeu e sua lira,
Olhe por mim.
Sua criança,
Eternamente contemplativa.

Raízes

Sinto em mim

O retornar dos anseios

E o reviver dos permeios!

O grito pela liberdade abafado

Que veio da avó

Dilacera peito de sua neta

Que a leva gritar

O som do futuro,

Eternidade.

Porque como já dizia Clarice

Há direito ao grito,

E já se tornou da genética Feminina

O lutar.

Camponesas com almas Reais

Crias da mesma terra

Como não poderíamos nós

Sermos todas iguais

Mesmo em nossos diferentes ideais?

Filhas de Gaia,

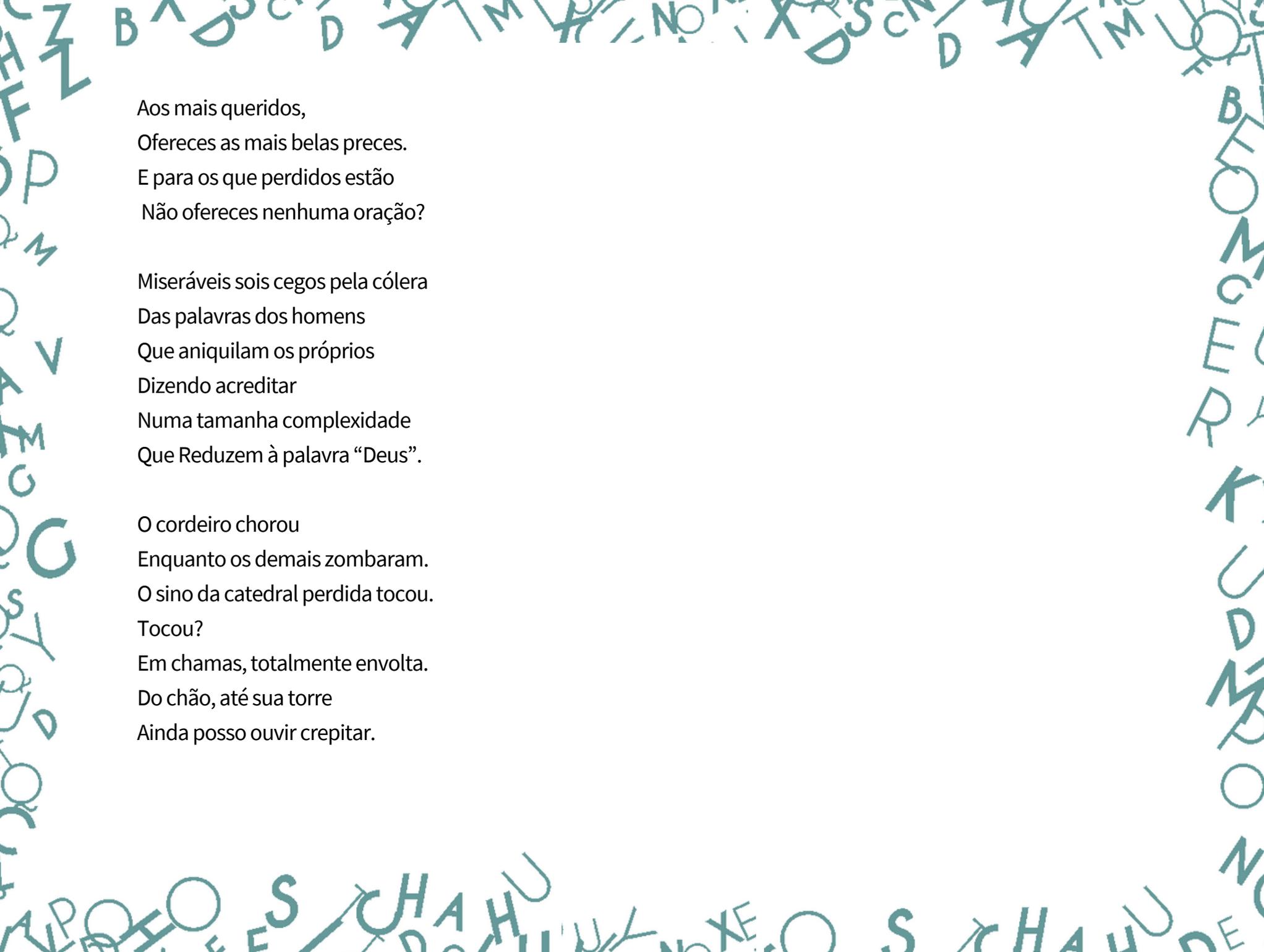
Grandiosa mãe minha

Envolve-nos com tuas raízes
Ensinando a todas nós
De tempos em tempos
O poder que é
Amar.

Réquiem aos esquecidos

Introito ao sonho – de vida –
Que a alma – visa –
Depois de grandes pelejas
Dias e dias
Poder encontrar a alegria
Que de infravermelho – querida ultravioleta –
O corpo limitava ver.

Kyrie eleison!
apelo à grande essência
Grito dos teus
Quando o Dies Irae – presente estar –
Quantas vidas – seus ecos –
Cabem no silêncio
De não mais ser e estar?



Aos mais queridos,
Ofereces as mais belas preces.
E para os que perdidos estão
Não ofereces nenhuma oração?

Miseráveis sois cegos pela cólera
Das palavras dos homens
Que aniquilam os próprios
Dizendo acreditar
Numa tamanha complexidade
Que Reduzem à palavra “Deus”.

O cordeiro chorou
Enquanto os demais zombaram.
O sino da catedral perdida tocou.
Tocou?
Em chamas, totalmente envolta.
Do chão, até sua torre
Ainda posso ouvir crepitar.

Oh, cinzar e mais cinzas,
– Do pó, ao pó –
Mozart – capaz não seria –
De com toda – e mais bela sinfonia –
Alcançar o reinar – aeternum –
O desejar – aeternum –
O pelejar – aeternum –
O almejar – aeternum –
O amar e aguardar – aeternum –
Dos filhos esquecidos.

Saturno tu

Tua pele,
Ressalta os mais belos astros...

... Enquanto o sol
faz a lua ficar mais bela – na tua presença –
Enquanto as estrelas
habitam em ti
Espalhadas aqui e ali
E não me fazem
Em momento algum Desejar partir.
Pois sou terráquea
E os terráqueos possuem essa mania
de desejar alcançar a infinitude
mesmo sem conhecer – o próprio ser –
O aqui.

Os sete mares
E em ti
O tempo de Saturno há
A beleza de Vênus – reflete –
A grandeza do teu coração
Como Canis Majoris – teu ferver –
Me lembra dos olhares – Numa tarde de verão –
E brilha intensamente
Entre nevoeiro que pode ser
O passado reviver.
O “tik tok” das horas
tempo passando voado, perdido
Das fotos – Vícios –
Do pseudo perfeito lírio
Desejo que todo o mundo
Em nossas mãos
Aquiete,
Se desligue.

A fim de Reviver
O que há – No **presente** –
De mais **VIVO**
Em você.

Anjo

Uma reza – alento –
Depressa, entendo
O quão nada – somos –
E nisso, atento.

Anjo – caído –
Receba meu suspiro
Pois teu ar – comprimido –
Anseia meu desejar – vívido –

Entrego-lhe o ar
Em completa devoção
E se aceites – Tal condição –
Teu cair
Não terá sido
Em vão.

Wellington de Oliveira Maia

Estudante de Medicina

Nasci em 23 de junho de 1998 em uma cidade pequena em Minas Gerais, onde fui capaz de aprender o que é amor e que os detalhes da simplicidade e da humildade são o que fazem nossa passagem tão rápida nesse mundo possuir sentido.

Poemas: A dor de crescer; O querer disfarçado; Am(d)or

O poema 1 reflete a saudade do sentimento de “lar” e a dor do amadurecer pela perspectiva de quem saiu de casa e mora longe da família para seguir seu sonho e começa a ver o mundo por uma lente um pouco mais melancólica. A poesia 2 é o acaso de uma admiração e a expectativa do querer e se conter devido às correntes invisíveis da sociedade.

A dor de crescer

Você tem 10 anos de idade e todos estão em casa. Sua mãe está fazendo aquela comida mineira deliciosa para o jantar que o aroma espalha pela casa inteira, seu pai está assistindo jornal enquanto toma sua cerveja gelada e seus dois irmãos estão fazendo nada em seus respectivos quartos, mas todos estão em casa.

Você está deitado na cama da sua infância, após um dia cheio de brincadeiras na rua de casa com seus primos, sonhando acordado com o dia em que irá crescer e ser independente, ter seu próprio canto.

Você queria tanto envelhecer que você se esqueceu de aproveitar ao máximo o conforto de ter todos em casa. Agora você está com seus 25 anos e começa a desejar voltar no tempo ou que tivesse feito mais enquanto podia.

Você e seus irmãos se mudaram. Seus pais envelheceram e estão tentando se acostumar com o que chamam de "síndrome do ninho vazio". Você começa a perceber os cabelos grisalhos e a se perguntar onde foi parar aquele precioso tempo?

Você se dá conta de que nunca mais haverá um dia sequer em que todos irão morar juntos novamente, na mesma casa e com a mesma rotina. Seus irmãos não estão mais simplesmente em outro quarto, mas agora em outro lugar.

Veja ou outra você irá visitar seus pais, mas nunca mais irá ficar por lá – sempre com um prazo de ida e vinda. Você e seus irmãos nunca mais brincarão juntos como antes, vocês não irão acordar juntos para tomar café da manhã sentados no sofá assistindo desenho animado. Bom, vocês nem mais se virão todos os dias.

Eu sinto saudades do sentimento de lar e falta dos que já não estão mais entre nós, mas eu já não posso voltar atrás. Meu lar da infância foi destruído pelo tempo e os pedaços estão espalhados por aí - um em cada canto...

O querer disfarçado

Eu quis te beijar

Mas apenas uma vez, eu acho

Eu só queria saber como seria

Acho que passei tempo o bastante observando seus lábios

Que eu não posso suportar o fato de não descobrir o sabor

Porém, ao invés disso, estou escrevendo

Uma confissão que você nunca verá

Para lábios que eu nunca vou beijar

Eu quis te beijar

Mas apenas uma vez, por dia

Enquanto você explicava coisas incríveis

E com um brilho surreal no olhar

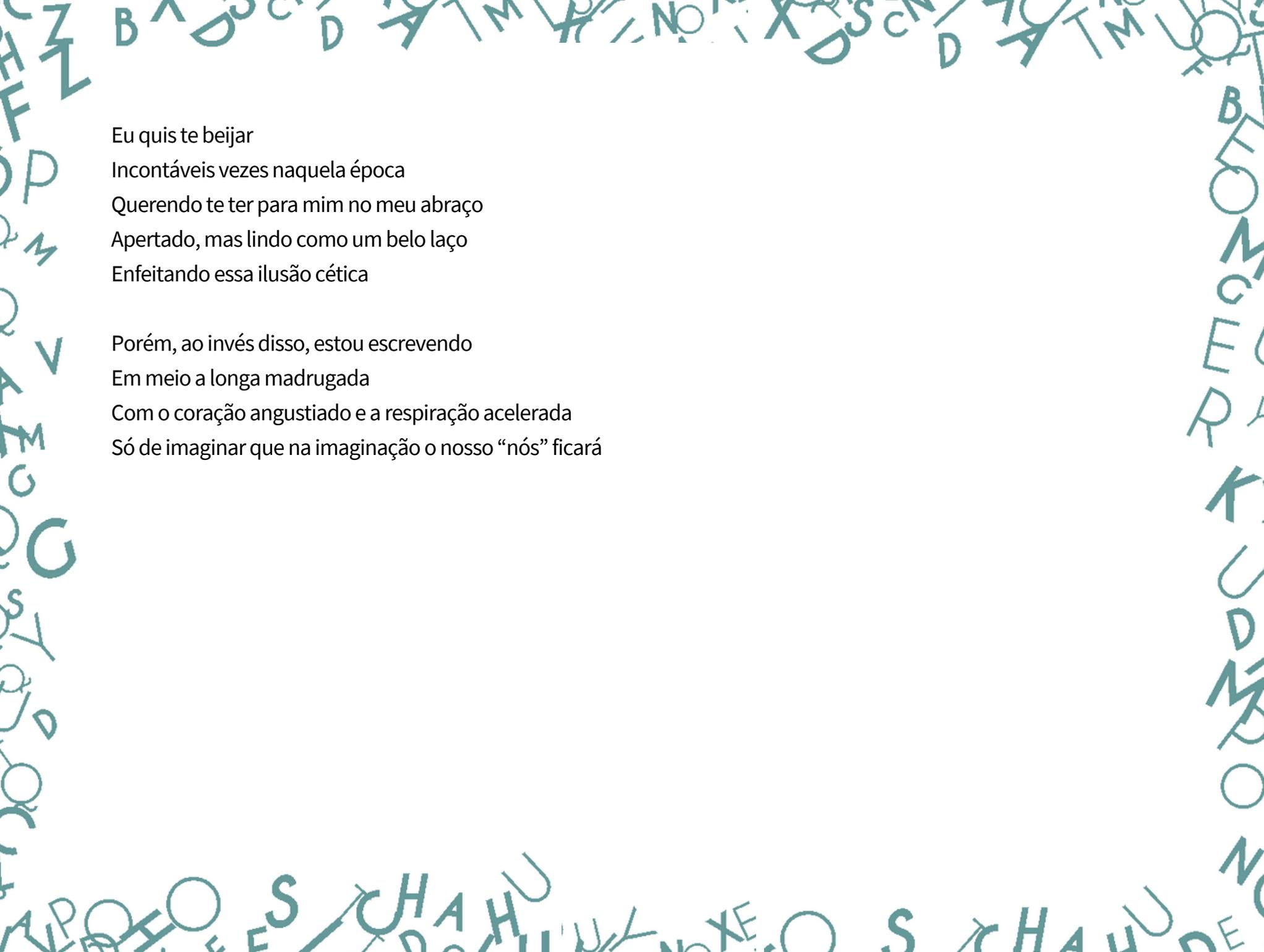
Me deixando cada vez mais fascinado e querendo me aproximar

Porém, ao invés disso, estou escrevendo

Algo que irei dizer ser para outro alguém

Com um sorriso plástico no rosto

Afirmando dizer “está tudo bem”



Eu quis te beijar
Incontáveis vezes naquela época
Querendo te ter para mim no meu abraço
Apertado, mas lindo como um belo laço
Enfeitando essa ilusão cética

Porém, ao invés disso, estou escrevendo
Em meio a longa madrugada
Com o coração angustiado e a respiração acelerada
Só de imaginar que na imaginação o nosso “nós” ficará

Am(d)or

E a ilusão toma conta
Do sentimento que assombra
O carinho assola
A solidão que desola

A tentativa de se encontrar
Em meio ao barco que insiste em afundar
Sem ar
Em pensamento que não se deixa respirar

A questão do ser
Sem medo do parecer
A agonia de estar perto
E não ser o certo

Sonhando acordado
Na realidade atordoado
O incansável desejo de ter
O que, sem, é impossível viver

